



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVIDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE HISTÓRIA**

JOSÉ HENRIQUE DA SILVA

**“ESCREVENDO A RIMA: UMA HISTÓRIA SOBRE O HIP HOP EM
PICOS” (1990 – 2017)**

PICOS – PI

2019

JOSÉ HENRIQUE DA SILVA

**“ESCREVENDO A RIMA: UMA HISTÓRIA SOBRE O RIP ROP EM
PICOS” (DÉCADA DE 1990 – 2017)**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada Plena em História. Sob orientação do Prof. Ms. Heitor Matos da Silva.

PICOS – PI

2019

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S586e Silva, José Henrique da.
“Escrevendo a rima: uma história sobre o hip hop em Picos”
(1990 – 2017). / José Henrique da Silva. -- Picos, PI, 2019.
59 f.
CD-ROM: 4 ¾ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em
História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.
Orientador(A): Prof. Ms. Heitor Matos da Silva.

1. Hip Hop (Picos,PI). 2. Identidade Cultural. 3. Juventude –
Movimento Cultura. I. Título.

CDD 907.28122

Elaborada por Rafael Gomes de Sousa CRB 3/1163



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte N° 905. Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos dezessete (17) dias do mês de junho de 2019, no Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **JOSÉ HENRIQUE DA SILVA** sob o título **Escrevendo a rima: uma história sobre o hip hop em picos (1990 – 2017)**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Me. Heitor Matos da Silva
Examinador 1: Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito
Examinadora 2: Prof. Ma. Lorena Maria de França Ferreira

Deliberou pela _____aprovação_____ do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 8,0.

Picos (PI), 17 de junho de 2019.

Orientador (a): _____ *Heitor Matos da Silva* _____
Examinador (a) 1: *Fábio Leonardo Castelo Branco Brito* _____
Examinador (a)2: *Lorena M^{te} de França Ferreira* _____

À minha família e à meus amigos, estes que estiveram ao meu lado até aqui, que me ensinaram a lutar e nunca desistir dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Sempre acreditei que tudo na vida seria possível, se feito com dedicação e determinação. Reconheço que a caminhada até chegar a escrever este primeiro capítulo desse trabalho não se deu de maneira fácil, mas foi em cada dificuldade, em cada momento de cansaço que percebi o quão significativo se faz a presença de pessoas queridas na construção e concretização de um sonho, estas que me motivaram e se mantiveram ao meu lado até então, as quais tornaram esse processo menos desgastante.

O presente trabalho acadêmico é dedicado primeiramente a Deus pelo dom da vida, a minha família que me deu uma ótima educação e me ajudou a chegar até aqui.

De maneira especial agradeço a minha mãe Francisca Maria da Silva, esta que como tantas outras mães brasileiras, desde muito cedo exerceu em nossa família uma função dupla, de ser mãe e pai ao mesmo tempo. Foi ela, que criou além de mim outros cinco irmãos. A qual a tenho como meu maior exemplo de vida e de pessoa, que me ensinou desde muito cedo a triunfar por caminhos certos, que apesar ter me dado uma vida humilde, foi o suficiente para me fazer perceber que o conhecimento é a única coisa que levamos por toda nossa vida. Ensinou-me, a respeitar as pessoas e amar-las sem pedi nada em troca. Ainda não menos importantes e cruciais em minha vida, agradeço a meus irmãos, por sempre estarei do meu lado, amo todos vocês!

De uma forma carinhosa e com imensa gratidão, agradeço a três pessoas muito especiais, que costumo dizer que foram três irmãos que encontrei na UFPI. Pessoas que sempre em que estávamos passando por momentos difíceis, encontrávamos uma forma divertida de tiramos de letra a aquela situação, e que no final das contas, tudo acabava dando certo, e sempre terminava em uma comemoração, a base, daquela velha coca-cola gelada, e descontrações. Tiago Moura, Thiago Aurélio, e Edney Alves, muito obrigado irmãos, pelas resenhas, e pelas palavras de conforto.

Merece destaque ainda, o professor e orientador deste trabalho, Prof. Ms Heitor Matos da Silva, que ao longo da escrita deste primeiro capítulo tornou-se um grande amigo, sendo sempre paciente, dedicado e disposto a ajudar. Obrigado pelas contribuições, pelos puxões de orelha, pelas palavras de conforto, pelo companheirismo. Sem suas contribuições e ajuda este trabalho não teria sido possível.

A todos os professores que sem dúvida foram muito importantes, para minha formação até este presente momento. Em especial, ao Professor Ms José Lins, agradeço por ter sido meu professor em diversas disciplinas, e por ser essa pessoa sempre descontraída.

A galerinha mais massa, e mais ousada, da minha humilde cidade Paes landim. Bill Pitu, Victor, Guilherme, Igor, Lucas, Cairo, Avesglan, Mailson, Mateus, Zé Paulo, Hericlys e Werner. Turma da baixada, amo todos vocês! Que sempre fizeram de mim, um cara bastante abençoado, também por poder fazer parte do nosso time de futebol, Baixada FC, Bicampeão Municipal. Que Venha o Tri- Campeonato!!!

Para finalizar os meus agradecimentos, merecem destaque e importância nessa conquista a família 2015.1/2018.1. Estes que durante essa jornada acadêmica aprendi a amar, respeitar e considerar nesses quase quatro anos de caminhada. Os levarei para toda a vida. E é com lágrimas nos olhos que escrevo estas singelas palavras, lágrimas de alegria, pela imensa felicidade de está realizando um dos mais importantes sonhos, ao lado de pessoas tão especiais e importantes e por ter presenciado momentos de felicidade, bem como momentos de tristezas e termos continuados firmes e fortes com nossos objetivos. Deixo um carinho para aos meus amigos e colegas de classe, Ítalo Bruno, Douglas Dantas, Paulo Lucio, Paulo Mauricio, José Warrison, Romário, Wesley Martírios, Joseandro Jr, Erismar Alves, por serem os melhores amigos, e por estarem sempre ao meu lado.

Estamos caminhando para o fim de uma linda jornada, uma história de uma parte da minha vida em que todos os momentos foram significativos e serviram de aprendizado, hoje e sempre.

“O tempo ruim vai passar, é só uma fase. E o sofrimento alimenta nossa coragem”.

Racionais MCs.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é mostrar historicamente, como se deu o surgimento do movimento Hip Hop, tendo como foco a cidade de Picos- PI. Levando em consideração, que o público alvo eram as pessoas jovens, moradores que habitavam as favelas dos grandes centros urbanos. Discutiremos alguns conceitos como, o conceito de Minoria, de identidade, e o de tribos Urbanas. Sendo eles, fundamentais para que possamos perceber a importância destes grupos, por volta da década de 1990. Serão usados como fonte de apoio, recursos bem como: letras de músicas, notícias de jornais, poemas, e fontes orais obtidos através de entrevistas semi-estruturadas. Do ponto de vista teórico, através de conceitos oferecidos por Taylor, Oliveira, Barreto, Sodré, dentre outros. Assim, buscaremos entender de que maneira as ações em busca de reconhecimento e valorizações de identidades são modificadas por uma significação do que simboliza ser um rapper.

PALAVRAS CHAVE: História. Identidade. Hip Hop. Minoria. Jovens.

ABSTRACT

The purpose of this work is to show historically how the emergence of the Hip Hop movement occurred, focusing on the city of Picos-PI. Taking into consideration, that the target audience were the young people, residents who lived in the favelas of the great urban centers. We will discuss some concepts such as, the concept of Minority, of identity, and that of Urban tribes. They are fundamental for us to realize the importance of these groups, around the 1990s. Resources will be used as a source of support, as well as: song lyrics, news stories, poems, and oral sources obtained through semi- structured. From the theoretical point of view, through concepts offered by Taylor, Oliveira, Barreto, Sodré, among others. Thus, we will try to understand in what way the actions in search of recognition and valuations of identities are modified by a signification of what it symbolizes to be a rapper.

KEY-WORDS: History. Identity. Hip hop. Minority. Young.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1- CANTOR TED RAP.....	14
IMAGEM 2- PICOS BATILE.....	44
IMAGEM 3- A TURMA DO BINHO: TODOS CONTRA O RACISMO.....	49
IMAGEM 4- ENCOTRO ESTADUAL DE HIP HOP.....	50
IMAGEM 5- ENCONTRO PICOENSE DE HIP HOP: 10 ANOS.....	51
IMAGEM 6- PRAÇA DO PCC NO BAIRRO JUNCO, PICOS-PI.....	52
IMAGEM 7- EVENTO DE ARTES, PRAÇA DO PCC NO BAIRRO JUNCO- PICOS-PI.....	52
IMAGEM 8- ARQUIVO DA CAMERA MUNICIPAL DE PICOS-PI.....	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPITULO 1: “O RAP, A DANÇA, O ESTILO, A GÍRIA: O CONCEITO DE TRIBO URBANA DENTO DO HIP HOP.....	20
1.1 O COMEÇO DO HIP HOP: CONTEXTO MUNDIAL, E BRASILEIRO.....	22
1.2 COMPRENDENDO O CONCEITO DE MINORIA DENTRO DO HIP HOP....	25
CAPITULO 2: RIMANDO POR RECONHECIMENTO: A TRAJETORIA DO MOVIMENTO HIP HOP DE PICOS NA CONSTRUÇÃO DA SUA IDENTIDADE.....	28
2.1 O COMEÇO DO HIP HOP PICOENSE.....	31
2.2 FORMAÇÕES DAS EXPRESSÕES DO HIP HOP PICOENSE.....	34
2.3 A QUESTÃO SOCIAL, A JUVENTUDE, E O ESTADO.....	38
2.4 O HIP HOP ENQUANTO EXPRESSÃO CULTURAL.....	40
CAPITULO 3: INTERAÇÕES ENTRE OS ATORES HIP HOP COM OS ESPAÇOS DE SOCIEBILIDADES NA CIDADE DE PICOS- PI.....	44
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57

INTRODUÇÃO

A finalidade desse trabalho é basicamente problematizar algumas questões, buscando compreender um fenômeno que se mostra cada vez mais crescente entre jovens de classes baixas, mas no caso específico do nosso trabalho, integrantes do movimento Hip Hop, moradores das periferias da cidade de Picos- Piauí, por volta dos anos 1990 a 2017. Levando em consideração, o crescimento constante desse movimento durante esse período na cidade de Picos. Assim, pegamos a década de 1990, como data inicial, tendo em vista que foi quando surgiu os primeiros grupos rappers no Brasil. Consequentemente, foi nesse mesmo período que o hip hop foi ganhando espaço na cidade Picoense. É importante, levamos em consideração que esse processo acontece de forma lenta, e por isso, se explicaria este recorte temporal.

A escolha por essa linha de pesquisa, veio por meio da afinidade despertada ao longo da graduação. Também por algumas experiências, obtidas através de alguns eventos, a serem analisados adiante, organizados dentro da própria comunidade da cidade de Picos. Em que fomos capazes de perceber a tamanha importância do movimento para aqueles jovens, negros e pobres, que vinham através do *hip hop*, uma alternativa de melhor combater, a forma desvantajosa de inserção na sociedade capitalista entre o universo social geograficamente tão distante, como centro e periferia.

Neste primeiro instante, procuramos fazer uma análise acerca da trajetória do hip hop desde o seu surgimento, em bairros de classe baixa dos Estados Unidos, até a sua expansão mundo a fora. Chegando ao Brasil por volta da década 90. Sendo esse, o momento em que esse movimento estaria com bastante força em território nacional. Mas, para que isso aconteça iremos trabalhar com alguns conceitos, para entendemos com mais clareza como se deu esse processo. Desde seu início, sua trajetória pelo Brasil, até sua chegada em Picos. Usaremos conceitos como: o de minorias, e de tribos urbanas. E dessa forma, usaremos esses conceitos afim de explicar a trajetória Internacional, e nacional. Deixando a cidade de Picos para trabalhar um pouco mais a frente. Isso por que, entendemos que os mesmos conceitos aplicados em outros lugares, também podem ser utilizados na cidade Picoense.

Dessa forma, para a efetivação da pesquisa, foram realizadas pesquisas bibliográficas em livros, sites, artigos dentre outros, que tratam da temática proposta que iremos trabalhar no próximo capítulo deste trabalho, buscaremos entender mais afundo sobre uma lei municipal existente na cidade de Picos, votada e aprovada na câmara dos vereadores por unanimidade, que reconhece como de utilidade pública municipal a associação movimento hip hop de Picos,

(M2HP).¹ Os espaços de sociabilidade serão outros fatores importantes que serão abordar ao longo do segundo e terceiro capítulo. Onde, iremos pesquisar quais eram os lugares usados para a organização destes eventos, e qual eram o perfil das pessoas que geralmente frequentam esses tipos de eventos, em sua maioria.

Usaremos a fonte oral, através de entrevista com alguns personagens importantes como é o caso do Eduardo Pereira Lopes, conhecido como (O Ted Rap). Morador da comunidade Parque de Exposição na cidade de Picos, ele que além de Artista Plástico, é cantor de hip hop, e Ativista Cultural.

Imagem 1 – Cantor Ted Rap.



Fonte: MENDES, Romário. *Segunda Edição do Projeto Arte em Toda Parte*. 2017 Disponível em: <<http://www2.picos.pi.gov.br>>. Acesso em: 19, Nov, 2018.

Por viver o dia, dia na comunidade, e por participar de vários programas sociais existentes na comunidade, ele, juntamente com alguns jovens da comunidade Parque de Exposição, será nossas entrevistas centrais a ser utilizados no segundo e terceiro capítulo da nossa pesquisa.

Assim trabalharemos de que forma as ações em busca de reconhecimento e valorização da identidade destes sujeitos seriam afetadas por uma mudança de conceito, para explicar de fato o que simbolizaria ser um rapper. Como esta minoria, não numericamente, mas em direitos, pelo fato de verem outros - porta vozes assumirem os microfones e falarem em nome daqueles que consideravam de alguma forma, ser o hip hop, o seu movimento.

¹ M2HP, movimento hip hop de Picos. Ong que trabalha com diversas oficinas socio- culturais fomentada para ajudar jovens moradores de periferias.

Sobretudo no que se refere ao movimento Hip Hop na cidade de Picos, algumas indagações são necessárias, como: Qual é a relevância do Hip Hop no que se refere aos fatores sociais dos jovens picoenses? Existem projetos que já foram ou estão sendo desenvolvidos que contemplam a ampliação da participação dos jovens dentro Hip Hop? Há intervenções políticas que visam contribuir com a disseminação do Hip Hop em Picos? O trabalho que se justifica ainda por permitir a análise do movimento Hip Hop frente a valorização da cultura e formação de jovens, sobretudo, negros, inseridos em bairros periféricos, vislumbrando ainda uma forma de introjeção destes no meio social, como seres ativos e participativos.

Analisaremos como foi o surgimento dos primeiros grupos de Hip Hop no Brasil. Quais as principais intenções, bandeiras de luta, com os quais esses grupos escreviam essas letras musicais? Se eram alguma forma de tentar criticar a sociedade brasileira, ou se era para eles, uma maneira de entender um pouco do meio em que viviam através da música. Qual era a relação existente entre eles, seria isso, apenas uma crítica ao modelo político da época? Quais eram os temas abordados por esses indivíduos, na música, poesia, produções literárias, discursos na TV ou nos jornais, por exemplo. O que tudo isso, influenciaria na vida dessas pessoas, dentro das periferias dos grandes centros urbanos, o que significava o Hip Hop na vida cotidiana dessas pessoas.

Para que melhor possamos problematizar essas series de questionamentos, acerca da construção da identidade destes indivíduos. Teremos como fonte de apoio o trabalho de Fraser (2001, p. 102) que destaca o fato de que vivemos um momento pelo qual “as lutas por reconhecimento estão dissociadas das lutas por redistribuição”. A autora em primeiro momento, reforça a necessidade da visibilidade, do respeito as manifestações culturais e sociais dos grupos dos quais fazem parte e de seus direitos, “uma luta por reconhecimento”, que pretende a valorização das diferenças e do reconhecimento cultural. No caso de nossos jovens rappers, percebemos a necessidade de crescente de ter seus traços identitários reconhecidos, os elementos da cultura do Hip-Hop valorizados e com seu poder de alcance maximizado pelos veículos de comunicação em massa.

Conforme comentado por Janotti (2003), buscaremos compreender o fenômeno da desterritorização das comunidades que passam agora a se estabelecer segundo uma serie de referências compartilhadas responsáveis por fornecer “capital cultural”, que se, define, a valoriza determinados comportamentos e análises de mundo feito pelos membros destes grupos. Estas análises ganham um espaço ainda maior com ferramentas como as redes sociais, por exemplo, que permitem o compartilhamento destes valores em um nível global, trazendo

questões mundiais para serem discutidas pelo grupo e levando as especificidades locais para enriquecer as reflexões sobre o modo de vida destes jovens nas passagens contemporâneas das grandes cidades mundo a fora, no caso de nosso estudo, as periferias de Picos. Onde, iremos perceber os problemas sociais existentes dentro das periferias da cidade de Picos- PI. Iremos perceber que são os mesmos problemas frequentes em periferias de outros centros urbanos. fatores como, a falta de educação, a venda de drogas, e a falta de oportunidades para os jovens. Serão problemas universais, encontrados em todas as comunidades do Brasil, como também do mundo.

Farias Junior (2013) descreve que no governo de Marquês de Pombal, já com a expulsão dos jesuítas, e com a crítica a este modelo educativo introduziram diretrizes de ensino pautadas no enciclopedismo cuja proposta provinha das ideias de enciclopedistas franceses que ambicionavam libertar o ensino da estreiteza e do obscurantismo que imprimiram os jesuítas, entretanto o que se viu ainda foi princípios do ensino jesuíta.

Farias Junior (2013) diz que a História só se constitui como disciplina escolar, no Brasil, no ano de 1838 e se tornou, nessa época, oficialmente um componente curricular do Colégio Pedro II ao longo de suas oito séries, além disso passou a ser exigida para o ingresso em muitas academias. O processo de escrita da história pátria baseou-se na confluência das três etnias (branco, negro, índio), onde o branco/civilizado/cristão é evidenciado; as demais etnias, afrodescendentes e indígenas, atuavam como cooperadores ou colaboradores do processo civilizador do branco europeu. Os produtores de livros didáticos de História, sócios e colaboradores pertencentes ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), apostavam em um ensino de História orientado para a formação de um cidadão adaptado à ordem social e política vigente, ou seja, eram materiais que continham significativa inclinação às diretrizes de formação moral e cívica.

De acordo com Sousa (2009), a disciplina História, no Brasil, foi se constituindo no âmbito escolar, a partir do século XIX, como um componente curricular responsável pela formação moral, cívica e política de crianças e jovens marcada pela influência das nações modernas e seus aportes teórico-metodológicos foram traçados com base no pensamento positivista e os conteúdos da disciplina, presentes nos manuais didáticos e na retórica dos professores passaram a ser conceitos, como nação, Estado, ordem e progresso. O objetivo, imposto pela elite, era formar o cidadão nacional, responsável em continuar a construção da nação brasileira imprimindo uma memória oficial que desconsidera a memória de classes sociais e etnias não dominantes.

De acordo com Hobsbawn (2007, p. 11), o impacto da globalização é mais sentido por aqueles que dela não se beneficiam. A ampliação dos mercados globais trouxe como consequência a acentuação das desigualdades econômicas e sociais entre os Estados Nações, ainda que tenha havido uma diminuição geral da pobreza extrema. O crescimento do abismo sócio-econômico entre os mais e menos abastados no interior dos estados também não mostrou sinais de desaceleração (HOBBSAWN, 2007, p. 11). Ou seja, para ele, a instabilidade econômica vai ser um dos principais geradores de conflitos sociais e políticos no mundo, no século XX.

Estabelecendo desta forma o que Janotti (2003) classificaria como “comunidade de sentidos” responsável por servir como referência a um grupo não sendo mais definida por questões geográficas ou territoriais, mas sim por características capazes de traçar um novo caminho, aproximando indivíduos que compartilham interesses em comuns. Surge assim, uma nova periferia que não se situa mais necessariamente nos topos dos morros, mas que também se coloca acessível pelas novas tecnologias, estabelecendo a conexão com todos os moradores da cidade, como também de fora dela.

Por sua vez, o autor Novaes (2006) salienta o novo sentido dada a palavra “periferia”, por jovens que relacionam o termo e suas produções culturais, como o Hip Hop, por exemplo. Esses grupos expressam por meio de diferentes tipos de linguagens, como a música, o teatro, a dança, e o cinema, ideias e perspectiva dos jovens das favelas. Ao mesmo tempo, buscam produzir imagens alternativas aos estereótipos da criminalidade e do fracasso associados a esse segmento de sociedade (RAMOS, 2007, p. 240) A periferia ganha status de local criativo, literário, rico em possibilidades, e grupos como os de hip hop se aproveitam disso.

A mídia trabalha com o que ela própria transforma em objeto de mercado, isto é, as pessoas. Como em nenhum lugar as comunidades são formadas por pessoas homogêneas, a mídia deve levar isso em conta. Nesse caso, deixará de representar o senso comum imposto pelo pensamento único. Desde que os processos econômicos, sociais e políticos produzidos de baixo para cima possam desenvolver-se eficazmente, uma informação veraz poderá dar-se dentro da maioria da população e ao serviço de uma comunicação imaginosa e emocionada, atribuindo-se, assim, um papel diametralmente oposto ao que lhe é hoje conferido no sistema da mídia. (SANTOS, 2000, p. 81-82).

Ao longo deste trabalho vamos procurar entender algumas dessas leituras feitas por esses jovens, que se consideram integrantes da cultura Hip-Hop. Em busca de perceber, de que maneira eles se apropriam das diferentes manifestações artísticas originária deste movimento.

Em síntese, buscamos perceber se o hip hop é uma nova forma de enxergar e se relacionar com a realidade excludente na qual estão inseridos, ou se trata de mais apenas uma opção de lazer, ou uma manifestação prioritariamente política, ou musical.

Para que possamos ter uma melhor compressão de como esse público jovem se encontra inserido no meio do Hip Hop. Primeiramente deveremos estudar um pouco sobre alguns conceitos que serão usados ao longo deste trabalho, assim veremos com mais ênfase até que ponto esses indivíduos poderão ser influenciados por esse movimento cultural. E assim, tendo como base isso estudaremos Taylor, a respeito da identidade cultural, ele vai nos mostrar que, um dos principais problemas enfrentados por esse grupo, pode estar relacionado com a formação desta identidade dos chamados “fortes valores”, ou seja, aqueles ligados diretamente ao valor dado a vida, aqueles que por si só, ocasiona um enfraquecimento e confusão no tocante aos valores, chamados morais.

Assim, o autor nos diz que, a incerteza existencial tipicamente da modernidade, está relacionada com o individualismo presente na vida cotidiana, para além de um ideal de autenticidade, invariavelmente a uma “cultura de amor próprio” a existência de um modelo moral externo foi substituída pelo incentivo a construção do autoconhecimento, corrompendo o ideal de autenticidade. E este recente valor dado as escolhas, em si mesmas, confere novo significado as opções individuais, tendo como referências nossa cultura, tradições, e relações estabelecidas.

A racionalidade por sua vez faria parte, portanto, do processo de reflexivo que se dá diante do caráter subjetivo da humanidade, capaz de determinar um autoconhecimento comprometido com o espírito individualista de cada vez maior, sustentado pela valorização crescente do indivíduo e pelo desejo de criar uma identidade própria, desprendida dos discursos universais.

Segundo (OLIVEIRA, 2006, p.135-145), sobre a importância da necessidade que venha ter um julgamento de valor quando o assunto se tratar de um reconhecimento multicultural. Porque, o não reconhecimento dessas diferenças acaba por garantir a perda de autenticidade, sendo que é justamente a inferência do sujeito sobre os valores, que fazem parte das práticas sociais, proporcionando a formação de identidades. O negligenciamento, das diferenças seria, portanto, um risco de desvalorização de identidade além de esta nova concepção conferir um caráter utilitário as associações feitas pelos indivíduos de forma a não reconhecer aquelas que não sejam de seu interesse pessoal. Atitude característica de um antropocentrismo radical,

perigosamente empobrecedor para as relações sociais. (Taylor, 2000, p.112) sustenta, ainda, que este narcisismo, presentes nas sociedades dominadas pelas leis do mercado e pela crescente burocracia, termina por proporcionar o enfraquecimento da iniciativa democrática. Esta nova configuração do indivíduo propicia a existência de sujeitos “desconectados “e/ ou descompromissados de suas relações sociais. E, por conseguinte, esta nova forma de experimentação do auto se torna um dificultador para a mobilização social e engajamento em causas coletivas. Cada indivíduo está ocupado em demasia com suas questões pessoais para se interessar por atuações políticas em prol da coletividade.

O autor destaca que este novo ideal de autenticidade, mais individualizada, dificulta a conexão entre identidade e reconhecimento, pois, se o que é valorizado é o que cada indivíduo tem de singular, sua verdade de interior, como garantir o reconhecimento social destes fatores tão particular? e salienta a necessidade de que, ao lado da criatividade, reflexão e autoconhecimento, ganhe destaque também o reconhecimento da importância da interlocução, pois, se isto for não feito, o desejo de auto realização que desconsidere as demandas postas por nossas relações com outras pessoas ou fatores distintos de nossas aspirações, necessariamente será frutados (TAYLOR, 2000, P.35 a 66)”. A construção das identidades individuais não deve permitir que excesso de privacidade atrapalhe as relações que se dão no espaço público, fazendo com o que a valorização do “eu “se transforme em um motivo para a desvalorização do “nós. Isto acontecendo fragiliza também o reconhecimento por parte de outros indivíduos que compartilhem um repertório comum. Causando tanto um enfraquecimento da representação do grupo externamente, como a comunicação interna entre aqueles que fazem parte de um mesmo coletivo, mas que também possuem suas singularidades. Taylor salienta que a valorização extrema do poder de escolha, termina por igualar as possíveis opções, pois agora o valor em si está no ato de escolher e não na opção escolhida.

Sendo assim, o que podemos destacar em relação a identidade cultural, é o fato de que cada vez mais os indivíduos considerados modernos, estão pouco se preocupando com a convivência em coletivo, e se isolando no individual. Ou seja, cada um em seu devido lugar, preocupando-se apenas com o que lhes convém, deixando de lado o espírito de coletividade.

CAPITULO 1- “O RAP, A DANÇA, O ESTILO, A GÍRIA: O CONCEITO DE TRIBO URBANA DENTRO DO HIP HOP”

Ao se comparar o hip hop as tribos indígenas, e as tribos urbanas, pela ideia de sociedade organizada, aplicada pela professora, (Potyara. A. P. Pereira, 2008), que se representa por

indumentárias e hábitos idênticos, as tribos urbanas se apresentam no contexto moderno habitando diferentes lugares que a cidade oferece. Formuladas a partir de um esforço de diferenciação dos jovens. Sendo assim, o que iremos perceber, é que, tanto nativos quanto rappers tem particularidades que as distinguem do resto da sociedade e que as identificam.

As tribos urbanas por sua vez têm uma relevante participação substancialmente no processo de construção da identidade dos jovens que nelas conseguiram se inserirem, tendo em vista que é essencial para a adolescência, a estruturação das tarefas de sua identificação. Sendo assim, podemos afirmar que é nesta fase que o jovem tem uma tendência a se inserir em grupos, ou seja, estabelecendo novos vínculos sociais além dos familiares, a passagem dos jovens por grupos de pares é quase que inevitável, o momento é marcado pela procura por referências externas, parâmetros que possam ajudá-los a se estabelecer no mundo. Segundo Bock:

O grupo de amigos é um importante referencial para o jovem, determinando o vocabulário, as vestimentas e outros aspectos do seu comportamento. Sua moral individual se estabelece mediante a moral do grupo. (ABERASTURY, KNOBEL apud Bock et al., 2008, p. 299).

Dentre os domínios possíveis sobre o assunto cabe destacar que, assim como os grupos de convívio, as tribos urbanas também têm um importante papel dentro do contexto sócio afetivo alternativo, e isso só aumenta quando o adolescente busca maior autonomia procurando se desligar dos pais na infância. (Rangel, 2012), nos faz entender que o grupo, em determinado período, ajuda o a configurar-se, a recompor-se e a constituir-se sujeito autônomo e psicologicamente independente. Segundo eles, para que isso aconteça, os adolescentes encontram nas tribos a permissão para ser o que são fazendo emergir formas de subjetividade. Isso se dá, a partir do momento em que as particularidades surgem por meio de como ele percebe o outro e de como o outro o percebe. Desta forma, ele se torna único ao mesmo tempo em que se apresenta homogêneo dentro de um grupo com indivíduos da sua mesma espécie.

Vale ressaltar que o termo “Tribo urbana” foi um termo elaborado, por volta do ano 1985, pelo sociólogo francês Michel Maffesoli. Segundo ele, seria para designar novas formas de organização entre os indivíduos dentro de um contexto denominado “pós-moderno”². Ele estudou e teorizou as redes de amizades que se formam a partir de interesses e afinidades em

²Pós-moderno, podemos traduzir como o atual estágio em que se encontra a sociedade, assim estamos nos referindo a um conjunto de transformações, do campo do trabalho ao cultural, do pensar ao agir social. (BAUMAN, 2000, p.98).

comum, aos quais os membros aderem aos mesmos pensamentos, hábitos e forma de se vestir e de se comportar.

Por sua obra “O Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa”, definindo tribos urbanas por “agrupamentos semiestruturados, constituídos predominantemente de pessoas que se aproximam pela identificação comum a rituais e elementos da cultura que expressam valores e estilos de vida, moda, música e lazer típicos de um espaço – tempo”. A mesma autora acrescenta que uma tribo se define por uma sociedade frouxa, pela lógica hedonista e o não compromisso com a continuidade na linha do tempo, expressa na valorização do aqui e agora. Ao mesmo tempo, seu caráter dinâmico e em constante transformação lhe confere um potencial criativo e inovador que não pode ser desprezado (CAMILO et al., 2003).

Para delinear o que atrai aos jovens se envolverem em alguma tribo, Camilo, Oliveira e Assunção (2003) questionaram adolescentes sobre a significação acerca das tribos urbanas. Como fonte de suplementos à alternativa de subjetividade e pertencimento que aqueles buscam, foram identificados alguns aspectos semióticos que os abastecem. O resultado do estudo levou a proposição de três elementos comuns às tribos urbanas: imagem estética, práticas de lazer e estilo musical. Existe uma interação entre esses elementos que regulam a maneira com que os membros da tribo se situam no mundo.

Portanto, para melhor entendemos de fato sobre tribos urbanas, é necessário recorrer não só ao conceito dessas tribos, mas como também a história de cada uma, procurando entender de fato, a lógica dos indivíduos que as formatam, a maneira como constroem seus relacionamentos, buscando prazer e satisfação, incluindo os aspectos sociopolíticos do período de fundação de cada tribo. Para tanto, isso nos mostrar como se dá a relação dos indivíduos em cada tribo, levando em conta, o processo de formação de identidades desses sujeitos dentro dessas tribos. Sendo, em sua maioria adolescente em busca de suas primeiras experiências de vida. No Brasil, o conceito de tribo urbana pode ser visto claramente entre os grupos de hip hop, por exemplo, tendo em vista que essas pessoas pertencentes a esses grupos, são pessoas que compartilham dos mesmos ideais, e que possuem características próprias daquele movimento. Esse conceito, também se aplica a cidade de Picos.

1.1- O COMEÇO DO HIP HOP: Contexto Mundial, e Brasileiro

Pensar a origem do Hip Hop, é pensar ao mesmo tempo na luta de resistência da classe inferior, contra a classe opressora. É de certa forma, fazer um paralelo entre duas coisas, a música, e a trajetória de luta e de resistência da juventude pobre e negra das periferias dos médios e grandes centros urbanos mundo a fora. Sendo que, por isso podendo ser considerado um símbolo na luta dos movimentos “político de contestação e reivindicação exercido por marginalizados sociais dos centros urbanos” (RIBEIRO, 2006, p. 15). Sendo, muito mais que uma expressão artística, o hip hop se configura como um movimento político capaz de mobilizar um grande número de jovens, em sua maioria, pobres, e negros, moradores das periferias dos grandes centros urbanos ao redor do mundo, como destaca (Santos (2006, p. 19) afirmar, que “em diversos países o hip hop tem servido como hino de libertação para as vítimas do racismo e da pobreza” além de que:

[...] os subúrbios pobres de Paris vibram com rap de MC Sollar, Francês de origem senegalesa, e do grupo NTM (Nique ta Mére) que denuncia o fascismo na França. Os rappers britânicos de origem asiática, Fun Da Mental, consagram o direito de autodefesa aos ataques racistas, enquanto hip- hoppers alemães exigem respeito pela sua origem turca. (OGBAR; PRASHAD, 2000. Apud SANTOS, 2006, p. 19).

Segundo muitos autores afirmam, o Hip Hop surgiu nos Estados Unidos, mais precisamente na cidade de New York, no bairro do Bronx, por volta da década de 1970. Período em que a sociedade Norte Americana passava por uma enorme crise política por conta da Renúncia do presidente Richard Nixon, por motivo de escândalo Watergate.

Neste mesmo período histórico, ocorreu uma enorme mudança no sistema analógico para o digital. As pessoas mais ricas trocavam seus aparelhos toca-discos e pick-ups³ por aparelhos de CD. Essa situação motivou grande queda nos preços dos antigos toca-discos e pick-ups, o que contribuiu bastante para o surgimento do hip hop, pois são esses equipamentos, que são os principais “instrumentos” para a realização deste tipo de composição musical, Sevcenko escreveu a respeito:

“Com a transição da tecnologia de recursos analógicos para digitais, entre os anos 70 e o início dos anos 80, houve uma substituição rápida e sistemática de toca-discos e LPs por leitores digitais e CDs. Dispondo dos novos equipamentos, as pessoas mais abastadas simplesmente punham nas ruas os aparelhos ‘sucateados’. Pois os jovens desempregados passaram a recolher essa ‘tralha’ e a reconfigurar seu

³ Dois toca-discos montados em uma mesa de som, de forma que o DJ possa manuseá-los concomitantemente.

uso. De equipamentos destinados a reproduzir sons previamente gravados, eles os transformaram em instrumentos capazes de gerar sonoridades novas e originais” (Sevcenko, 2001; 116).

Portanto, é neste cenário que o Hip Hop foi sendo gestado. Uma das principais personalidades na figuração dele foi o DJ jamaicano Kool Herc, que trouxe que trouxe do seu país, juntamente com ele, a prática de se realizarem festas ao ar livre, com o uso de um extraordinário aparato de caixas de som. Ele também é considerado o criador da break beat, que é o saneamento de trechos de várias músicas. Sendo que em muitas das vezes, ele procurava alongar alguns trechos de uma música tocando dois discos iguais em duas turntables diferentes; movimento que ficou conhecido como back to back.

Levando em consideração que o movimento Hip Hop ganha bastante força nos Estados Unidos. Sendo, que o mesmo passa a ser considerado uma prática de negros latinos e latinos pobres, que se contrapõem por meio desse ritmo, ao Jazz e ao Blues, pois esses são os ritmos apreciados pelos afro-norte-americanos de classe média, com o intuito de se ‘distinguir’ por. Neste sentido, podemos dizer que o hip hop tem uma origem e ligação étnico-racial e econômica. Trata-se, assim, de uma construção social que mistura origem social, econômica e também cultural e reelabora uma nova diferença.

No entanto, o que podemos observar a respeito do hip hop, é que em território americano, esse foi ganhando força até se impor, se transformando nos dias de hoje, em um gênero reconhecido tanto lá quanto em outros países. Misturando, em muitas corporalidades, ritmo e componentes étnicos, o gênero revela-se como uma construção social que encontra grande acolhida em contextos marcados pela exclusão social.

(...) as identidades na contemporaneidade são marcadas pelo acirramento da globalização, e estão relacionadas impreterivelmente ao consumo de produtos e bens materiais simbólicos e culturais disponíveis num mercado global. É neste sentido, que consideramos o hip hop no Brasil como a expressão local de um fenômeno mundial, pois seus agentes se apropriaram de uma série de bens simbólicos e produtos culturais advindos predominantemente dos Estados Unidos. (MACEDO, 2011, p.265)

Segundo Macedo, O Hip Hop é também, ao mesmo tempo, uma cultura de rua e uma cultura de mídia, mesmo que muitos membros do movimento no Brasil possam discordar dessa afirmação. “O movimento hip hop chegou ao Brasil através da mídia, mas entendemos que este

processo de transposição não esteve fundamentado apenas no consumo passivo, mas na sua reapropriação.” (MACEDO, 2011, p. 261).

Então tendo em vista esse discurso, o que podemos afirmar é que por muito tempo no nosso país, a maioria dos artistas envolvidos com o Hip Hop evitavam aparições em grandes meios de comunicação, por acreditarem que ao estarem nos mesmos locais de aparição de artistas populares estariam perdendo sua essência enquanto músicos e artistas de protesto, além de contribuírem com a programação de emissoras de tv, rádio entre outros entretenimentos de massa, vistos como propagadores de alienação. O pessoal do meio que se expunha na mídia era visto com desconfiança, sendo rotulado de “vendido”, ou “modinha”. Ou seja, o desenvolvimento da cultura Hip Hop no Brasil ocorre condicionado por vários fatores que são: os caminhos seguidos pela indústria cultural brasileira, a evolução dos meios de comunicação e os rumos da grande imprensa e da imprensa alternativa. A situação com que se deparam os *hip-hoppers* brasileiros foi, e ainda são bem diversa da que se encontram os estadunidenses.

No Brasil ao longo dos anos de 1990, momento em que esse movimento estaria ganhando bastante força em nosso país, por outro lado o Hip Hop brasileiro teve uma relação particularmente conturbada com a mídia, ora pela atitude de alguns artistas que se recusavam a dialogar com determinados veículos, ora por que havia muito preconceito com o estilo. Por seu forte teor político, e por ser um estilo musical de contestação social, produzido principalmente por negros e brancos advindos das periferias, dificilmente um rap entrava nas paradas de uma grande rádio comercial, ou então em um popular programa televisivo de auditório.

Diante deste cenário o autor Douglas Kellner analisa as diversas manifestações culturais que se constituem como “Cultura da Mídia”, produzidas com o intuito de em algum momento circularem largamente pelos diversos meios como televisão, internet, rádio, ou que simplesmente circulam e se mantêm em mídias reproduzíveis como cd’s ou revistas. Esse tipo de expressão cultural depende muito do desenvolvimento tecnológico, e o Hip Hop corresponde a muitas dessas características.

Muitos no Brasil tiveram seu primeiro contato com a cultura Hip Hop através do cinema, durante a década de 1980. O filme que influenciou muitos os dançarinos de Break no Brasil foi *Beat Street*, como destaca César Alves:

Entre abril e maio de 1984, o filme *Beat Street* estreou em São Paulo. (...) Até então todo mundo já tinha visto alguma coisa em videoclipe, mas não daquela forma. Era algo específico sobre o movimento ao qual estávamos ligados. Era como se aquilo estivesse falando diretamente

para mim, para todos nós que estávamos começando o movimento. (...) O Beat Street abriu a cabeça de muita gente para o Hip Hop. Foi quando todo mundo se tocou de que aquilo era um movimento. (ALVES, 2004, p. 29-30).

É possível inferir que não fosse o poder dos Estados Unidos de divulgar sua produção cultural através do cinema e outros meios talvez o Hip Hop não fosse hoje uma manifestação global. Seu consumo e recepção ao redor do mundo não é passivo, e cada país, cidade, gueto, faz sua releitura a partir de seus dados culturais próprios. Fica evidente também que a cultura circulante na mídia serve de base para construção de identidades, hoje cada vez mais construídas pela hibridização entre cultura local e cultura global e da mídia.

A respeito do surgimento do movimento hip hop na cidade de Picos, (SANTOS, 2018, p. 02) vai dizer que o Hip Hop tem suas primeiras representações em Picos por volta anos 1990, mais precisamente no ano de 1994, onde o representante do referido Movimento Social tem estado à frente deste movimento atraindo jovens picoenses para a prática do Hip Hop.

Os jovens do Parque de Exposição têm contado com a atividade do Hip Hop, sob a perspectiva que vai além do simples ato de expressar a dança, a arte do grafite, mas como uma forma de comunicar tais expressões, descrevendo de forma sutil o desenho que a sociedade atual representa para os mesmos. No segundo capítulo, iremos aprofundar um pouco mais, sobre esse assunto.

1.2- COMPREENDENDO O CONCEITO DE MINORIA DENTRO DO HIP HOP

Para que melhor entendemos acerca do assunto, como esses grupos formados na sua maioria por jovens vindos da classe média, e também da periferia, se formavam. Recorremos a Muniz Sodré (2005) e nos veremos obrigados a reavaliar a noção contemporânea de minoria- assim compreendida como aqueles que pouco tem voz ativa ou capacidade de intervir nas ações formadas tomadas pelas instâncias de poder, sendo menos representados, por exemplo, pelos veículos de comunicação de massa, questão abordada neste estudo. Neste caso, comumente se enquadram nos grupos atuantes em questão de gênero e de cor.

Ao levar em consideração esta forma de dilema, minoria já não pode ser compreendida como uma massa uniforme, mas sim como um “ dispositivo simbólico com uma intensidade ético- política dentro da luta contra hegemônica que pretende atuar de forma a garantir a redistribuição dos

privilégios e espaços de visibilidade social, buscando serem reconhecidos como instancias de poder capazes de atuar, por exemplo, na tomada de decisões por parte de governos e instituições de apelo social. (SODRÉ, 2005, p.1)

Assim, segundo Sodré (2005) elenca alguns fatores que permitiram se certa forma o reconhecimento de determinado extrato social como a minoria. E um deles seria a vivencia de uma situação de vulnerabilidade jurídico- social, com frágil legitimidade institucional diante das políticas públicas. A dificuldade de acesso aos direitos básicos e o não reconhecimento de seus representantes como atores com legitimidade social, são marcantes neste caso, o que faz com que seja cada vez mais crescente a luta por direito ao reconhecimento de seu discurso, seja através dos canais tradicionais de comunicação ou através da criação de novas possibilidades mais democráticas, como jornais e rádios comunitárias, por exemplo. As posses do Hip-Hop também surgem principalmente para preencher esta lacuna e se firmarem como grupo constituído e autorizado oficialmente a falar em nome de determinado grupo de jovens rappers.

Por sua vez, Sodré (2005) nos alerta para a questão da noção da minoria, cada vez mais, ela tem florescido a sombra da crise contemporânea do espaço, cada vez mais um pouco desidentificado com a esfera estatal, na mesma medida em que a sociedade (as instituições oficiais articuladas com o mecânico do estado) se afasta um pouco do social, isto é, das relações concretas gerais e abertas da população. Na lacuna deixada pela atuação do poder público cresce a força de agendamento por parte das chamadas minorias que cada vez mais se recusam a consentir com o discurso convencionado pelo senso comum, se apresentando como uma voz de dissenso reivindicando uma postura contra hegemônica por parte dos agentes de poder nas sociedades.

Sendo assim, podemos deixar como entendido a respeito do que seria “minoria”, isso se da, pelo fato de que pessoas com modos de viver diferente dos demais formam entre si um pequeno grupo com pessoas de diferentes características. O que, para a maioria acabar por se torna algo não muito comum dentro da nossa sociedade. Fazendo com o que, de certa forma essas pessoas acabam por sofrerem algum tipo de discriminação, por parte das outras. Então, diante disto devemos levar como legado para nossa vida, a missão de como conviver em uma sociedade plural, com diversas formas de culturas. E ainda assim, conseguir respeitar a forma de viver do próximo.

Por tanto, no próximo capítulo, iremos trabalhar com esse conceito na cidade de Picos, procurando entender de que forma o poder público, através do incentivo a cultura, será capaz de desempenhar um papel de relevância em favor desses jovens, vindos das periferias da cidade Picos.

CAPITULO 2- RIMANDO POR RECONHECIMENTO: A TRAJETORIA DO MOVIMENTO HIP HOP DE PICOS NA CONSTRUÇÃO DA SUA IDENTIDADE

Iremos iniciar esse capítulo analisando a letra de um Rap, escrito por um jovem, morador de um bairro periférico da cidade de Picos- PI, (Parque de Exposição), onde ele narra sobre fatos que ocorrem diariamente na vida de outros jovens que também são moradores dessa

mesma comunidade. Entre vários problemas enfrentados por esses sujeitos, é destacado a falta de oportunidades que não são dadas para esses jovens, para que eles possam ter acesso a escola, ou até mesmo a um emprego. Fato é, que as consequências dessa falta de assistência por parte dos órgãos públicos para essas pessoas, é que elas, meio que são obrigadas a seguir por outros caminhos, caminhos esses que nem sempre será o certo. Isso fica bem claro na letra da música logo abaixo:

Mãos, mãos, mãos pro alto!

Mãos, mãos, mãos pro alto!

Não é assalto, nem voz de prisão,

É Ted Rap passando informação.

Mãos, mãos, mãos pro alto!

Mãos, mãos, mãos pro alto!

Não é assalto, nem voz de prisão,

É o Mc passando informação.

Eu falo sobre tudo, e sempre reivindico

Embora o sistema queira ferrar comigo.

Eu não me intimido, sigo sempre em frente

Mesmo correndo o risco.

Há sempre dois caminhos para escolher,

O certo e o errado ta esperando o que?

Eu sei que é bem difícil você resistir.

Quando tudo nessa vida se volta contra ti,

Mas seja sempre forte e procure resistir

Pois disse o senhor Jesus:

Somente os verdadeiros beberam da fonte.

Sempre intimidado, eu sigo no compasso

Não é assalto, mas Poe as mãos pro alto

Mão, mãos, mãos pro alto!

Mãos, mãos, mãos pro alto!

Não é alto, nem voz de prisão,

É Ted Rap passando informação.

Mãos, mãos, mãos pro alto!

Mãos, mãos, mãos pro alto!

Não é alto, nem voz de prisão,

É o Mc passando informação.

(Rap, Mãos pro alto, Ted Rap e Naldo Mc)

Ao pesquisamos o movimento alternativo Hip Hop Picoense. Podemos perceber que a maioria dos jovens pesquisados encontrava-se em situações de vulnerabilidade e exclusão social. Percebe-se que essa não é uma relação bem-vinda para eles, pois os mesmos sofrem pressões da família, da escola, do grupo que estão inseridos, enfim de todos os segmentos da sociedade a se tornarem ativos no meio social, no espaço onde vivem.

Por tanto, com tudo o que lhes é imposto ou o que desejam nem sempre é concretizado, principalmente entre jovens de camadas populares que vivem envolvidos por um conjunto de faltas materiais e imateriais. O que os jovens fazem diante desse quadro? Muitos se rebelam de forma negativa; ficam angustiados e entram no mundo das drogas, saindo de casa para morar nas ruas, praticando delinquências (roubos, estupros, homicídios, sequestros) etc. Outros, porém se rebelam de forma positiva buscando espaços de socialização onde eles se auto - afirmam por serem autores de criações; sentem nesses espaços a liberdade de inventar e produzir á seu gosto; reinventando formas de viver sua condição juvenil. É nesses espaços de socialização que se identificam com outros e junto com seus pares desenvolvem laços afetivos, e cultivam valores comuns ao grupo como a confiança e a lealdade enquanto melhoram a comunicação consigo mesmos e com os seus pares.

É nessa perspectiva de pensamento que vão surgir às práticas culturais no âmbito do Movimento Hip-Hop. Sendo que este movimento e toda a sua cultura do hip hop tinham suas raízes, subsidiados pelo estudo de Vianna (1997), no Brasil em 1970, na cidade de São Paulo e a posteriormente, no Rio de Janeiro. Na cidade Picos os jovens pesquisados escutam e propagam o estilo musical rap. Esse estilo musical é entendido como uma manifestação jovem, pois sua batida cadenciada e, sobretudo, as letras que constituem as músicas, combinando em uma feliz junção ritmo e poesia, atraem a população jovem e o próprio mercado de consumo cultural de massas (Sposito, 1994). Os jovens Picoenses pesquisados se auto intitulam *rappers*.

Suas músicas denunciam a situação em que vivem principalmente como relatados nessa pesquisa, de serem atrelados ao fenômeno da violência, bem como suas expectativas face ao futuro.

Também foi possível perceber que estes jovens integrantes do movimento hip hop se constroem como sujeitos sociais estabelecendo relações com o meio social e por participarem em práticas culturais aprendem significados sociais que se apropriam construindo suas identidades. E através das experiências vivenciadas pelo movimento, estes jovens buscam novas práticas e valores que preencham suas necessidades e aspirações, dando um novo sentido as suas vidas.

Tavares (2010) salienta o olhar sobre o viés da luta pelo reconhecimento, principalmente no que concerne à gênero, raça/etnia:

“O hip-hop expresso pelos jovens rappers costuma veicular, através da música, a construção de uma consciência política. Eles falam em nome de uma geração sem voz, periférica, estigmatizada. Nesse caso, a prática cultural do rap propicia a emergência de uma consciência social dos indivíduos em termos de diversas perspectivas, relacionadas a gênero, raça/etnia. Essa postura combativa define um sentimento de pertencimento coletivo em termos de uma espacialidade injusta materializada na periferia urbana. Isso significa que, mesmo estando em diferentes países ou cidades, a juventude hip-hop poderá redefinir suas questões geracionais estabelecendo semelhanças e contrastes em relação ao seu envolvimento com os grupos de rap, bem como ao enfrentamento de situações discriminatórias”

Faz-se necessário, ainda, ressaltar o trabalho que é realizado no âmbito das atividades desse Movimento. Conforme Dayrell (2005, p.193) “o trabalho aparece como uma condição para maior liberdade e autonomia em relação à família, pela possibilidade do consumo de bens pessoalmente valorizados”. Assim, o jovem tem o sentimento de realização e de liberdade acompanhado de autovalorização, que é parte do processo de construção de identidade. Ao passo que os jovens pesquisados difundem suas atividades junto a outros pares; suscitam confiança e credibilidade na sociedade no que se refere às potencialidades juvenis. Assim, na medida em que criam oportunidade de lazer e trabalho para seus integrantes, proporcionam aos jovens a difícil construção de cidadania, principalmente aqueles que não têm acesso nem mesmo a serviços básicos como moradia decente, alimentação adequada, vestuário, emprego, saúde, acesso á escola e a bens de cultura e lazer, em fim uma qualidade de vida digna.

2.1- O COMEÇO DO HIP HOP PICOENSE

Neste presente capítulo iremos buscar estabelecer uma abordagem sobre o Movimento Hip Hop Picoense frente à valorização da cultura de jovens no município de Picos-PI, partindo da concepção de que tanto crianças quanto jovens experienciam na sociedade atual, sobretudo em um momento em que se vivenciam constantes transformações sociais.

O mesmo ainda tem por objetivo de pesquisa, analisar a contribuição do movimento Hip Hop frente a valorização da cultura de jovens no bairro Parque de Exposição em Picos-PI, reafirmando a inserção destes, frente ao meio social; além de caracterizar a inclusão dos jovens, na perspectiva de uma prática e expressão sociocultural, além de refletir as políticas públicas e ações do Estado para as crianças e jovens picoenses.

O Hip Hop tem suas primeiras representações em territórios picoenses por volta dos anos 1990, mais precisamente no ano de 1994, onde o representante do referido Movimento Social tem estado à frente deste movimento atraindo jovens picoenses para a prática do Hip Hop. Os jovens do Bairro Parque de Exposição têm contado com a atividade do Hip Hop, sob a perspectiva que vai além do simples ato de expressar a dança, a arte do grafite, mas como uma forma de comunicar tais expressões, descrevendo de forma sutil o desenho que a sociedade atual representa para os mesmos.

O trabalho que se justifica ainda por permitir a análise do movimento Hip Hop frente a valorização da cultura e formação de jovens, sobretudo, negros, inseridos em bairros periféricos, vislumbrando ainda uma forma de introjeção destes no meio social, como seres ativos e participativos.

A cidade de Picos fica localizada no centro sul do Piauí. Segundo o censo do IBGE realizado no ano de 2017, possuía uma população de aproximadamente 73.414 habitantes e deste total cerca 1/3 dessa população se constituía sendo composta por jovens⁴. E muitos desses jovens, em especial aqueles que habitavam os bairros visto como “suburbanos”, viviam em condições desumanas, onde tinham poucas ou até mesmo nenhuma estrutura para que se pudesse viver em boas condições sociais. Vivendo em condições de extrema pobreza, muitos por falta de uma oportunidade de trabalho, por falta de uma área de lazer, um lugar adequado para pratica de esportes, uma saúde pública de qualidade. Tudo isso são fatores presente na vida

⁴ Dados do IBGE disponível: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/picos/panorama>

cotidiana dos jovens que moram em bairros periféricos da cidade de Picos. E o resultado de toda essa carência acaba por aparecer diversas graves consequências na vida familiar desses jovens, como: envolvimento com drogas, conflitos familiares impedindo ou dificultando o diálogo e aproximação familiar, analfabetismo altos índices de analfabetismo funcional, altos índices de violências, e gravidez na adolescência. Tudo isso, são fatores presentes na vida desses jovens, que moram nas periferias da cidade de Picos.

Nesse contexto, em meio a tantas dificuldades encontradas por esses jovens nas periferias. Contraditoriamente, segmentos das populações jovens e adultas, prosseguindo a experiência de luta pela redemocratização do nosso país, de modo enfático o segmento juvenil organiza e atuam em múltiplas agregações, quais sejam: Pastoral da Juventude, o Movimento Hip Hop, grupo ADIMO, grupo de Capoeira mestre Moisés, dentre outros⁵ grupos também contribuíram na formação desses indivíduos.

Todas essas atividades citadas a cima são consideradas cheias de potencialidades organizadas, criativas e produtoras de ações solidarias configuradas desenvolvimento sustentável, atividades artísticas como músicas, dança, grafite, artes plásticas, capoeira, entre outras. Que de certa forma, resultam em uma cidade que tenta demonstrar uma certa presença de culturas juvenil, que expressam de diversas formas de construção de identidades jovens, em busca de reconhecimento e visibilidade social em busca de reconhecimento e visibilidade social na busca de resolução dos problemas sociais enfrentados pela sociedade.

Tudo isso nos leva a uma reflexão acerca das relações sociais em que essa sociedade está inserida. E isso é possível percebemos, no tocante a fatores políticos, por exemplo, de acordo com as entrevistas no que se refere ao questionamento sobre o local em que os integrantes e a maioria das pessoas que tem uma proximidade maior com as causas que circulam em bairros periféricos. Portanto, é importante que fique bem claro para todos nós, que essa ideia posta não no sentido generalizante, mas como podemos perceber sobre o hip hop, é que desde seu surgimento na região do Bronx, em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Ou seja, desde seu surgimento o hip hop já carregava consigo em sua essência, a dança e a rima, onde se constituiu historicamente um movimento caracterizado de uma identidade negra, que abordam diversos

⁵ Dados disponível na secretaria Municipal de cultura de Picos - PI

temas envolvendo desigualdade social, buscando chamar atenção para a voz aos indivíduos oriundos das favelas ditos “marginalizados”⁶.

O movimento Hip Hop em Picos é um exemplo nítido de manifestação e cultura juvenil. Através dos estilos, das danças, músicas, e do grafite, os jovens se constituem como protagonista de suas próprias realidades, em busca de difundir a sua cultura, às vezes preenchidas de denúncias, protestos, e demonstração de uma juventude submetidas a vivências periféricas em condições vulneráveis que, a maioria da sociedade se mostra.

Entretanto, tais experiências se constituem também em fonte de sinalização e saberes juvenis, caracterizados pelo estilo, territorialização e “marcas” específicas que definem as identidades juvenis, como criação de letras de músicas, danças, desenhos inusitados que refletem o cotidiano dos espaços que habitam esses sujeitos, criação de cartazes e folders, divulgando os eventos por eles organizados também a execução de projetos que visam maior integração comunitária. Sendo que, tudo isso requer planejamento, sistematização, e tempo específico, porque, como ações educativas formam mentes e corpos que se movimentam ao construir sua própria existência.

No entanto, a cidade precisa ter sensibilidade e ser dinâmica, isto seria o resultado da construção cultural e social dos seres humanos ali residentes.

Para Pesavento a cidade é também: sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagem, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos, e festas, comportamentos e hábitos... A cidade é concentração populacional... Cidade lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais. (PENSAVENTO, 2007, p.14).

Em uma busca fomentada pelo desejo de compreender as expressões juvenis Picoenses do momento presente, fomos de encontro a movimento de hip hop de Picos tratado como nosso objeto de análise dessa pesquisa, para tentar compreender as formas pela qual a cidade é representada nas múltiplas concepções do viver urbano, dentro de espaço, através dos discursos construídos e disseminados pelas práticas cotidianas na atuação do movimento de grupos como m2hp em seu meio social, portanto buscaremos durante o decorrer deste trabalho analisar também a trajetória de alguns sujeitos que não fazem parte do grupo de maneira específica para tentar englobar alguns processos que não cabem em uma abordagem grupal.

⁶ Indivíduos ou grupo de pessoas que são estigmatizados pela sociedade em que vivem, ou seja, que são rotulados ou estereotipados por características com sentido pejorativo, vistos como vagabundos maloqueiros e etc.

Permitindo nos estar em contato com essas experiências juvenis na cidade de Picos, na contemporaneidade expressas e materializadas por meio da arte, entre os outros quatro elementos que compõe o hip hop na sua essência, sendo essas o grafite, o break, o rap, e o som (DJ). Porém diante de uma observação intensa densa, denotamos a relevância de ir além desse conjunto de atividades, podendo se alargar um pouco mais sobre essa abordagem considerando a expressão também transmitida pelo modo de vestir, de falar, a postura diante dos acontecimentos que circunscrevem a vida desses sujeitos, enfatizando o caráter do movimento em ir esboçando os sentidos sociais, culturais e políticos, responsáveis pelo desenvolvimento de sua performance no tempo.

2.2- FORMAÇÕES DAS EXPRESSÕES DO HIP HOP PICOENSE

Como vimos no início do primeiro capítulo, o movimento Hip Hop em contexto mundial surgiu no final da década 1960, como um movimento de protesto de jovens negros hispano – americanos dos guetos pobres do Bronx, nos arredores de Nova Iorque, nos Estados Unidos. Por meio de manifestações artísticas, o movimento que representou uma saída para expressão e identificação de uma juventude que vivencia situações de exclusão econômica, educacional e racial. Sendo composto de quatro elementos, o rap (música), o break (dança), o grafite (artes plásticas), e o Dj (som).

No Brasil, esse movimento chegou por volta do início da década de 1990 em São Paulo, por intermédio dos dançarinos de break, sendo posteriormente divulgado nos bailes e nas lojas específicas de música negra. As ruas, as praças dos grandes centros urbanos tornam – se espaços para a socialização dessas manifestações culturais juvenis.

Por sua vez, na cidade Picos o movimento começou a fluir entre os anos de 1993 a 1994, isso de acordo com o nosso primeiro entrevistado, o senhor Nonato matos. Segundo ele, foi a partir desta data que o movimento começou a surgir ainda em passos lentos, e que o mesmo já praticava a dança, e começou a ensinar outras pessoas a dançar também, não como algo que surgiu do dia para noite, mas, que foi a partir desses primeiros momentos em que foram notificadas as expressões hapers na cidade. Foi ganhando corporeidade à medida que outros jovens foram se identificando com o hip hop e foi aderindo aos ideais e atividades artístico cultural.

Levados pelos mares dos afetos e demarcados pelos sinais, que indicam os caminhos, que os levam através das correntezas do devir, encontram – se pelos meios de acesso; pelas

praças, calçadas, muros, peles, olhares, passos, performances, traços, estilos, e redes, pois são muitos os meios e se transmutam sempre em mais. No entanto, compreendemos que as expressões Hip Hop da cidade de Picos – PI, desenvolvido em alguns bairros é como um ímã que atrai a juventude para desenvolver ou apreciar as diversas atividades que o movimento proporciona aos praticantes e também ao público que o acompanha.⁷

Para contar um pouco sobre o surgimento Hip Hop de Picos, foi de fundamental importância as utilizações das fontes orais, no fragmento abaixo em uma entrevista com o senhor Nonato Matos, ex dançarino. Ele descreve um pouco como foi a sua experiência dentro hip hop, e como foi o surgimento do movimento na cidade de Picos:

Cara eu comecei oficialmente com grupo em 1994, mas bem antes já dançava, treinava Public Enemy, esses estilos de funk internacional e depois funk nacional que não é o estilo de funk de hoje, é do tempo do Claudinho, aí fui tomando gosto pelo pop break, fui praticando, praticando desenvolvendo cada vez mais, meu primeiro grupo chamava New Funk, formado entre quatro amigos, Eu, Paulo, Edson, e Fernando. Depois em 2007 formei o segundo grupo chamado “Manos de Rua”, com coreografias mais afiadas, e a minha ideologia começaram a mudar, fui me informando mais sobre a cultura hip hop e fui juntando os elementos que faltavam para formar a cultura hip hop.
⁸(NONATO, 2019, P, 32)

Entretanto com essas confirmações, foi possível estabelecer um pequeno confronto entre elas, para melhor compreendermos as nuances que caracterizam o hip hop e sua ampliação no decorrer dos anos, criando-se assim uma identidade cultural marcante do viver urbano em Picos. buscamos compreender o fluir desses acontecimentos, principalmente no quesito acerca do desenvolvimento da consciência do movimento hip hop, para além dos elementos artísticos, também do discurso e na atuação da formação cultural de grupos urbano na cidade Picoense.

Diante do que podemos constatar, buscamos aprender as conexões que vão ao longo do tempo se estabelecendo de acordo com o que o contexto nos possibilitava, porém são multiplicas vozes que reivindicam união e consciência, o direito de exercer suas pautas e ao mesmo tempo não ser colocado de lado durante a construção da sua história, mas que resiste a condensa suas forças na medida em que constrói seus espaços de comunicação, ganhando vida

⁷ ROLNIK, Raquel. **O que é idade**. São Paulo: Brasiliense. 1995. (Coleção, primeiros passos; 203).

⁸ Nonato. Entrevista concedida MATOS a José Henrique da Silva. Picos, 2019.

e visibilidade dentro de um meio social localizado na cidade de Picos no estado do Piauí, dentro da federação brasileira. Sendo caracterizado pelo o símbolo de luta e resistência, de acordo com o que vemos dentro do hip hop de Picos.

Todavia, é importante ressaltar que o imaginário coletivo não se revela apenas no grafite, na poesia, na música, ou dança. Revela – se também no cotidiano das pessoas que vivem o dia, dia dentro dos bairros periférico da cidade de Picos. Convivem “com dificuldades de toda ordem, as contornam com “astúcias’ e” táticas”. Durante a entrevista como o dançarino Nonato Matos, ele nos faz a seguinte pergunta: Como não viver com astúcias no meio do caos que rodeiam os nossos cotidianos? Essa pergunta Retórica nos lança diversas inquietações nos remetem a pensar o próprio cerne de existência desses sujeitos, sua luta diária, vontade de verdades que trazem consigo tatuadas em seus corpos, e subjetividades.

Michel de Certeau, no seu livro *A Invenção do Cotidiano* (2008, p. 103.), revela que pessoas utilizam – se desse expediente alterando objetos, códigos e procedimentos, cada um com seu jeito próprio. Ou seja, seguem caminhos tortuosos, usam de rodeios, de subterfúgios e manobras no intuito de driblar normas gerais. Cortam, burlam e transmuta, o que significa que esses indivíduos não são absolutamente obedientes e passivos e passivos a padronização imposta pela sociedade, então por sua vez utilizam das táticas que vão além da dança, da dança, da música, e do grafite, são o sentimento de busca incessante de liberdade de expressão e de viver que fazem a vida desses jovens terem sentindo, encontrando meios para exercer as atividades e disseminas essas ideias, mesmo com dificuldade de aceitação e valorização dessa cultura no seu meio social.

No entanto podemos localizar esse embate dentro da relação de poder na qual a sociedade está inserida, consolidado em um regime de verdade que estar relacionado com o ser e poder como nos mostra alguns estudos de Foucault,⁹ durante toda a sua produção intelectual e principalmente e isso fica evidente em suas obras como: *A História da Loucura*, *Vigiar e Punir*, e *Ordem do Discurso*, colocando o discurso como instrumento ideológico. No entanto, segundo as reflexões levantadas nos postulados de Foucault, se torna muito relevante compreender o modo de que a classe que contem predominância de poder historicamente constituído, e que é legitimada pelo saber, utiliza – se como instrumento do discurso para validar ou marginalizar certos comportamentos. Além disso, cabe refletir acerca de outros

⁹ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, FOUCAULT, Michel. 2012.

meios, como a padronização do comportamento imposto pelas instituições em vigor na sociedade moderna, em que o ser humano se encontra nesse jogo de relações e poder. Portanto, na esteira de Michel de Certeau, podemos perceber as táticas como forma de subverter as normas imposta pelas instituições através de estratégias, e que isso se desdobra de forma sucinta e individual no cotidiano.

Entretanto, se observa que diante dessas reflexões, as expressões hip hop não se encontram fora dessa dinâmica social. Portanto, de acordo com as informações preliminares escavadas em nossa pesquisa, vimos que além dos harpes lidarem com os problemas sociais, o poder público também tenta colocar – los a revelia nas festividades da cidade, recusando – lhes alguma forma de ajuda como, palco, espaços, por não se enquadrarem em um padrão que é convencional para a sociedade.

È notório observar que, para manter essa postura subversiva, os correspondentes do hip hop tendem a utilizar de táticas para levarem seus discursos ao acesso da população, seja por meio ideal “faça você mesmo¹⁰”, ou seja, através de suas próprias produções como podemos ver em músicas, no modo de vestir despojado e repleto de significados, do modo de falar, em conjuntos de gírias.

Enfim, na inserção no modo de viver como um protesto constante ao fato de uma tentativa de imposição de regras e captura social de grupos específicos direcionado a leis gerais, como bem pontuou o sociólogo estadunidense Howard S. Becker, com a teoria da rotulação¹¹, enfatizando a questão “regras de quem”, tratando das diferenças de poder posta no processo político da cidade.

2.3- A QUESTÃO SOCIAL, A JUVENTUDE E O ESTADO: UMA ANÁLISE SOBRE AS POLÍTICAS PÚBLICA DESTINADA AOS JOVENS.

Ao abordar como tema “questão social, juventude e suas relações familiares” faz-se necessário contextualizar os diversos conceitos que abrangem essas complexas categorias. Nesse sentido, a concepção de juventude é cheia de controvérsias, partindo, pois, do pensamento de Quiroga (2001, p. 72):

¹⁰ Na década de 1960, a artista plástica Lygia Clark fez uma exposição de sua arte que seguia a lógica do *make your self*- em português “faça você mesmo”. Essa é uma estratégia de resistência das artes considerada marginais. Década de 1960

¹¹ BECKER, Howards. S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvios*. Rio de Janeiro: Zahar. 2008.

[...] não existe um critério comum para conceituar o que seja “juventude”. Cada autor dá ênfase a uma(s) ou outra(s) dimensão (ões) do que configura a sua realidade expressando uma maneira peculiar de entendê-la enquanto expressão real e categoria social. Pode-se dizer que a abordagem das questões juvenis e, conseqüentemente os conceitos daí elaborados são construídos a partir de diferentes angulações.

Revolvendo, pois a conceituação histórica do que vem a representar a juventude, até a década de 1950 e 1960, era possível encontrar um consenso dialógico de que eram considerados jovens aqueles que não haviam chegado aos 22 anos, ou seja, a maioridade civil adquirida aos 21 anos era um marco da definição do que era juvenil.

Nesse sentido, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, expressa direitos da população infanto-juvenil brasileira pois afirma o valor intrínseco da criança e do adolescente (BRASIL, 1990). Segundo Valadão (2013, p. 5) “os jovens contemporâneos vivem uma constante tensão entre a busca de sua emancipação pessoal e subordinação aos ditames da sociedade capitalista”. Ainda em consonância com Valadão (2013, p. 6), “o resultado desse processo é a exacerbação das expressões da questão social e o aprofundamento da pobreza dos jovens brasileiros”.

Compreendendo o conceito chave aqui discutido, que é o Hip Hop, vale ressaltar que este é praticado por jovens de raça negra, advindos de periferias, o que permite aqui discutir do ponto de vista de Silva (2009, p. 261) que afirma:

A juventude negra no Brasil enfrenta um importante conjunto de problemas que vem limitando seu acesso a oportunidades sociais, restringindo o desenvolvimento de suas capacidades e as chances de construção de uma trajetória ascendente. Entre os inúmeros dados que evidenciam a configuração de menores oportunidades para a juventude negra no país, [...]

De acordo com Aurélio (2001, p. 312), família são pessoas que vivem geralmente na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos, “pessoas do mesmo sangue”. No entanto esse conceito transcende a esse “limitado” conceito, já que atualmente se leva em conta o conceito de gênero, as próprias vivências familiares, sendo que é cada vez mais comum, a separação de casais, onde os filhos passam a conviver apenas com a mãe ou com o pai, outros passam a conviver com os avós maternos ou paternos.

Ainda se tratando de família, e as suas relações com os jovens e adolescentes, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA prevê em seu artigo 4º:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, a educação, ao esporte, ao lazer, a profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência família comunitária (BRASIL, 1990).

Os aspectos imediatamente acima mencionados asseguram os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana. No entanto, traz-se à tona, o discurso de como as famílias tem se constituído nas suas relações e vivências com os jovens.

Compreendendo Estado como Nação politicamente organizada (Aurélio, 2001, p. 292), sendo este responsável por uma organização, e estrutura social das pessoas que vivem em uma nação, com a missão de oportunizar à estas o mínimo de condições para que estas tenham uma vivência digna, discute-se aqui o que representa o Hip Hop frente à sociedade e os jovens, ressaltando ainda as regradas políticas públicas voltadas para estes, onde são percebidos no aparato de uma sociedade capitalista, capciosos desafios onde Fraga (2002, p.4) respalda:

Se populacional mente os jovens são significativamente numerosos, as políticas públicas voltadas para eles não correspondem a sua importância populacional e o quanto demandam os programas e ações visando a melhoria das suas condições de vida. Deveriam ser os jovens alvos privilegiados das políticas sociais dos governos, pois [...] as consequências das rápidas mudanças que possamos nestes últimos ambos os atingem, preferencialmente.

Ainda cabe ressaltar as condições políticas, econômicas, sociais e ideológicas que circunscreve as pessoas que costumam integrar o movimento Hip Hop, percebendo-o como um importante movimento que sustenta expressões artísticas, discussões e debates promovidos entre os próprios integrantes do movimento. Conforme Matsunanga (2008, p. 67); “em um movimento como o Hip Hop abre um campo de possibilidades para os jovens atuarem politicamente no espaço social, vergar sobre si, a seu favor e em prol de sua comunidade”.

As articulações políticas e sociais frente a juventude, sobretudo as de periferias urbanas tem se manifestado de uma forma precária, onde os movimentos atuam por sua vez, buscando se fazerem percebidos frente à sociedade. Por outro lado, em se tratando do jovem da atualidade, bem como das políticas públicas voltadas para estes, pode-se ainda tratar aqui de alguns dos programas voltados para estes como o jovem aprendiz, Lei 10.097/2000, que está assim exposto:

Contrato de aprendizagem é o contrato de trabalho especial, ajustado por escrito e por tempo determinado, em que o empregador se compromete a assegurar ao maior de 14 (quatorze) e menos de 24 (vinte e quatro) anos inscrito em programa de aprendizagem, formação técnica-profissional metodológica, compatível com o seu desenvolvimento físico, moral e psicológico e o aprendiz, a executar, com zelo e diligência, as tarefas necessárias para essa formação. (Lei 10.097/2000)

É pertinente que se ressalte que o aprendiz deve manter atualizado o cadastro nas Organizações Não Governamentais – ONG's que viabilize o acesso deste candidato na falta de atendimento pelo sistema representativo do Estado, o que, de uma certa forma oportuniza o acesso destes em atividades que contribuem para uma prévia profissionalização e qualificação para a atuação no mercado de trabalho.

2.4- O HIP HOP ENQUANTO EXPRESSÃO CULTURAL: DISCURSO SOBRE A INTERAÇÃO SOCIAL E SUAS RELAÇÕES DE CIDADANIA E INCLUSÃO DE JOVENS E ADOLESCENTES.

Falar do Hip Hop em uma perspectiva de valorização da cultura e formação de jovens remete, a busca de uma conceituação, para que se possa adentrar na temática proposta sob pontos de vistas mais concisos, explicitando-os no que diz respeito a percepções diversas. Nesse sentido, é possível dialogar sobre a prática do Hip Hop, refletindo, pois, as linguagens políticas de cidadania voltadas para a justiça racial e a igualdade. Sendo que Magro (2002, p. 70) ressalta que:

Pode-se considerar as posses do movimento Hip Hop como organização caracterizadas pelo comprometimento com a educação não-formal, pois têm explicitamente o objetivo de reunir adolescentes da periferia para uma ação coletiva voltada para uma conscientização política e de exercício da cidadania, para a aprendizagem de conteúdos que não são abordados com profundidade na escola formal (como por exemplo, o da questão racial e origem étnica do povo brasileiro) e para a produção artística e cultural.

Imprime-se, dessa forma, a convicção de que os conhecimentos e a formação humana nas suas complexidades transitam em “mão dupla”, ao tempo em que se complementam, já que partindo dos vieses vivenciados por crianças e jovens no seu meio social, são pontos norteadores para que se possa transitar pela educação formal, entrelaçando assim um pensamento sobre a formação humana que de fato se constitui a formação cidadã.

De linguagens capciosas, mas merecedoras de um ganho constante de qualidade, o hip hop, muitas vezes desapontam e imprimem a figura de heróis, por adolescentes de comunidades carentes, utilizando da dança, da música do grafite da poesia para se comunicar, e, comunicar o anseio do seu povo. Eles compartilham da mesma realidade, sendo que o cantor pode ser considerado como um vencedor por não ter seguido caminhos desvirtuosos.

Por sua vez, o rap é caracterizado por se utilizar uma trilha sonora, e, sobre e a partir dela são criados pelos rappers ritmos e poesias que podem ser simplesmente faladas, recitadas ou cantadas, com letras polêmicas que podem ser improvisadas e divulgadas pelo mestre de cerimônia (MC).

O MC conforme Oliveira (2004, p. 65) é também chamado de rimador e ele tem a preocupação de representar a cultura Hip Hop, sendo que com o crescimento do Rap e o afastamento da cultura Hip Hop, o MC passou a denominar o Rapper “aquela pessoa que canta e faz o hap”. É interessante notar que, o MC apresenta a realidade, que nem sempre é associada à energia positiva, pois a realidade muitas vezes é composta de miséria, violência e fome.

As vivências socioculturais transcorrem, sobretudo de organizações, de ajustes das múltiplas expressões culturais, e não há como não trazer à tona as políticas sociais que legitimam tal prática que colocaram para a disseminação dos diversos valores das distintas expressões de cultura, de valores, de sentimento identitário.

A sociedade, a cultura são elementos vivos, passam por transformações mediante o tempo e o espaço. Dessa forma, não poderia ser diferente com a prática do Hip Hop, considerado como uma das diferentes expressões culturais existentes no Brasil, já que se trata de um país multicultural.

A busca pela autonomia, práticas e produções independentes no que se refere ao movimento Hip Hop, decorre em grande parte pela presença da indústria cultural, como afirma Herschmann (2000, p. 59): “a presença da indústria cultural, junto ao movimento e um fato que não pode ser negado. Porém esse estilo próprio nem sempre se dobra às necessidades do mercado, pois é constantemente reelaborado pelos consumidores.

Consciente de que a cidadania é um direito de todos, e dessa forma sendo, todos os sujeitos envolvidos em uma formação social têm a liberdade de expressão cultural, de exercer os direitos e deveres inerentes à um cidadão. A abordagem a seguir disserta de maneira a compreender de fato a introjeção da parceria do Hip Hop, no contexto da cidadania. Compreendendo a cidadania como “a condição de cidadão, e sabendo que cidadão é considerado um indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado” (AURÉLIO,

2000. p. 153), trata-se, no entanto, de conceituar a cidadania no entorno das manifestações expressas diante do movimento Hip Hop.

Percebe-se no mundo contemporâneo uma vivência de estranhamento, sobretudo no que diz respeito a juventude advinda das camadas populares da população. Nesse contexto, Stoppa (2005, p. 37) diz que:

A juventude, especialmente a relacionada às camadas populares da população, coloca-se em constante processo de estranhamento com os espaços da grande cidade. As dificuldades e os preconceitos associados a esses públicos específicos afetam as possibilidades de apropriação e de inserção da juventude no espaço urbano, restringindo as oportunidades de lazer e de vivência participativa na cultura local.

Em se tratando do jovem, do adolescente ou qualquer ser humano nas mais diversas faixas etárias, experienciando a “amarga” situação de exclusão, certamente não se pode tomar como uma vivência e prática do pleno exercício da cidadania. E Stoppa (2005, p. 37), ainda complementa, com os seguintes dizeres: “Esses jovens podem por meio do Hip Hop e sem desconsiderar a importância da educação formal, tomar as rédeas do seu próprio processo educativo, contextualizando-o de acordo com suas necessidades, desejos e experiências”.

Há um preconceito recorrente às pessoas que vivem nas periferias, e, de uma forma acentuada, os jovens e adolescentes. Estes são marginalizados, e considerados como símbolo da marginalidade. Nega, no entanto, a potencialidade destes, no que concerne a construção da cidadania.

Nesse sentido, o subitem seguinte, transita para o discurso do potencial periférico na construção da cidadania. Na defesa do bem comum, transcende também a defesa da garantia do pleno exercício da cidadania, abrangendo ainda o bem-estar social. E Andrade (1999, p. 89) vem a complementar essa ideia enfatizando a potencialidade do Hip Hop enquanto movimento social:

O Hip Hop sendo um movimento social, permite aos jovens desenvolver uma educação política e, conseqüentemente, o exercício do direito à cidadania. Nunca na história social do país, houve uma mobilização social tão expressiva produzida por jovens negros; esse fato é exclusivamente dos anos 90.

E, é buscando constantemente quebrar o estigma do preconceito para com os “manos” da periferia, que estes sempre levantam a bandeira de luta, resistência, na busca de expressar

das diferentes formas que lhes forem oportunas no sentido de defender a sua identidade, o seu espaço e principalmente a dignidade do seu espaço de vivência.

CAPITULO 3- INTERAÇÕES ENTRE OS ATORES HIP HOP COM OS ESPAÇOS DE SOCIEBILIDADES NA CIDADE DE PICOS – PI



IMAGEM 2, Disponível no endereço eletrônico: <https://pt-br.facebobook.com/m2ppi/>

De acordo com podemos observar nos folders disponibilizados em uma rede social, informando os encontros, palestras apresentação e eventos em que o grupo ou alguns membros estão presentes, buscamos observar os locais onde são encontrados os desenhos espalhados pelos muros da cidade, utilizando – se dos registros de imagens mostrando as mensagens transmitidas pelas as formas e cores que vai dando vida e visibilidade de uma serie questões que envolvem o problema da desigualdade social vigente no Brasil, portanto vimos nos sites uma serie de apresentação em vários espaços como encontros organizados pelo o grupo que nesse ano de 2019 vai acontecer a décima terceira edição desse evento, no qual a maioria dos folders encontrados apresentam programação similares como batalha de b – boy¹², e show de Rap. Vale ainda ressaltar, que esses eventos são realizados em diversas

comunidades da cidade de Picos.

Ainda, segundo o coordenador geral deste tipo de evento, Eduardo Pereira Lopes, (Ted Rap), a realização desses eventos tem como objetivo promover um intercâmbio cultural entre

¹² B – Boy (pronuncia – se bi-boi) É o nome de quem pratica break,dança que representa um dos quatros elementos do hip hop – os outros três são o rap, o grafite, e jd/som. O termo e a abreviação de Break Boying, foi criado no bronx (bairro de negros e hispânicos de Nova York), na década de 70, pelo DJ Kool Herc.

militantes da cultura hip hop e a sociedade em geral. Dentro da programação estão inseridos ainda oficinas de GDs e apresentações dos grupos.

De acordo com Ted Rap, o encontro objetiva ainda fortalecer experiências sócias educativas, desenvolvidas pelas organizações de hip hop; fortalecer as relações entre grupos organizadores de hip hop e demais grupos de atuação social e ainda discutir os avanços e desafios das políticas públicas de inclusão social e racial.

Ao entrevistar o Eduardo Pereira Lopes (O Ted Rap), ele que além de ser morador da comunidade Parque de Exposição, também é músico, grafiteiro, estudante de pedagogia-UFPI, e coordenador do grupo (M2HP), responsável por organizar vários eventos sociais, voltados para ajudar na formação de jovens moradores das periferias da cidade de Picos-PI. Segundo ele, a falta de incentivo por parte dos órgãos públicos está sendo o grande problema enfrentado por esses sujeitos no dia, dia. E isso, é um fator que contribui bastante para que muito deles enxergar no mundo das drogas, do crime, um caminho a ser seguido. Conclui ele:

“Esse ano eu estou muito feliz porque vai acontecer no meu bairro, na minha comunidade, no Parque de Exposição, vai ser o dia inteiro de atividade. Essa edição é uma edição especial, a gente sempre fazia na Praça do PCC, Junco, e esse ano a gente entendeu que seria legal estar levando para as comunidades”, concluiu.¹³

Como também podemos observar as Inter – relações entre os sujeitos dos grupos culturais que se identifica na luta contra a desigualdade social. Pois diante dessa revolta causada pelo conjunto de pré- conceito sofrido pelos jovens negros, pobres, moradores das periferias que se conhecem através dos diversos projetos sociais existentes ou através daqueles que já existiram na cidade marcando assim esse caráter de sociabilidade que os lugares e ações comunitárias que caracterizam uma das pautas centrais levantadas pelos sujeitos atuantes do hip hop de Picos, pois podemos perceber na fala do Nonato Matos, um dos pioneiros do break¹⁴em picos expondo da seguinte maneira:

¹³ PEREIRA, Eduardo, Lopes. Entrevista concedida a José Henrique da Silva, 2019.

Fiz o resgatando, um projeto para resgatar os valores de cada bairro com aulas de dança em bairro, em bairro, a ideia foi tão forte que levei para outras cidades como, Simões, Vila Nova, Campo Sales, São Julião, Inhuma, Itainópolis, Vera Medes, e Isaias Coelho, essas atividades duraram aproximadamente entre 2009 a 2013, sendo o último evento realizado em Simões PI.¹⁵

Nesta fala concedida pelo Nonato Matos, atuante dentro do movimento Break Dance, fica bastante nítido o caráter essencial das Inter- relações com outros lugares e espaços denotando as proporções estabelecidas além dos bairros da cidade picoense, chegando a outras regiões nas proximidades de Picos, portanto de acordo com as palavras do nosso entrevistado o, o mesmo começou a dançar oficialmente no ano de 1994, informação que teria se confirmado na fala do nosso segundo entrevistado, Eduardo Pereira, conhecido artisticamente como Ted Rap, tendo citado durante a sua entrevista o fato de ter conhecido o Nonato Matos, por volta dessa temporariedade citada a cima. No entanto isso nos remete ao marco importante nesse processo de formação e expansão das expressões horpes dentro da cidade de Picos, demarcando assim as inter-relações em seu contexto temporal e espacial. Então, veremos a confirmação dessas reflexões de acordo com as palavras do entrevistado:

Meu nome é Eduardo Pereira Lopes, artisticamente sou conhecido como, Ted Rap, sou grafiteiro, rapper, ativista social e cultural e sócio, fundador do movimento hip hop M2HP, posso lhe afirma que o hip hop, fez toda a diferença na minha formação de caráter, na minha vida adolescência quando conheci o hip hip em meados de 1994, em 1995 conheci um cara chamado Nonato, ele já dançava break, e começou a ensinar um par de moleque, quem estivesse interesse pela dança, ele iria para praça e dava aulas de graça, e tal. E isso foi o meu primeiro contanto com hip hop, a dança break.¹⁶

Portanto vimos a confirmação da ideia posta anteriormente, e a coerência entre as informações repassadas pelos entrevistados, mesmo as entrevistas sendo realizadas individualmente, deixando os entrevistados sem acesso as falas um dos outros. Entretanto, mesmo estando ciente dos limites encontrados pelo historiador no ato de fazer história, procuramos nos atentar para não sermos levados pela crença de estarmos simplesmente descobrindo os fatos, mas também levamos em consideração a atribuição de sentidos a eles,

¹⁴ **Break** (também conhecido como **breaking** ou **b-boying** em alguns lugares) é um estilo de dança de rua, parte da cultura hip hop criado por afro- americanos e latinos na década de 1970 em nova Iorque, Estados Unidos, normalmente dançada ao som do hip- hop, funk, ou breakbeat.

¹⁵ MATOS, Nonato. Entrevista concedida a José Henrique da Silva. Picos, 2019.

¹⁶ PEREIRA, Eduardo, Lopes. Entrevista concedida a José Henrique da Silva. Picos, 2019.

muito embora sob aparato teórico e metodológico, porém levamos conosco a consciência da natureza narrativa da história, e da abertura de compreensão, do mundo dos leitores aos textos.

Vale ressaltar, a minha própria experiência de vida, estudante negro, e de baixa renda, vindo de uma pequena cidade do sul- deste do Piauí. Passando a morar na cidade de Picos, em busca de trabalho e de uma melhor qualidade de vida, acabei- me por me deparar em um feriado dia das crianças, 12 de outubro de 2014, em uma festa organizada pelo movimento M2HP, no bairro Parque de Exposição na cidade Picos- PI, com o cronograma tinha várias apresentações como palhaços, dança de break com a apresentação do grupo do bairro do chão dos padres em Picos, lanches e brinquedos gratuitos distribuídos para as crianças presentes no evento. Ainda segundo Rosyane, estudante de história- UFPI, ela que já desenvolve um projeto de pesquisa a respeito da, “Questão Social, Juventude e Estado”, dentro da comunidade Parque de Exposição. Nos conta como foi a sua primeira experiência com o movimento hip hop:

Eu Rosyane Cortez, tive o primeiro contato com o movimento hip hop de Picos, ainda quando estudava no Ensino Fundamental no colégio Miguel Lidiano, Bairro Junco, aonde os integrantes desenvolviam junto, escola e comunidade, aulas de danças para as crianças daquela escola. E naquela época, era visto por muitos como algo muito positivo, pois ao invés de estamos nas ruas em contra turno com a escola, estávamos praticando e conhecendo um pouco sobre a cultura hip hop.¹⁷

No entanto, podemos confirmar essa constante luta travada pelo movimento em despertar a busca de incentivar os jovens a seguir o caminho da educação, a buscar a exercer a sua cidadania e despertar a consciência sobre o problema os problemas sociais que enfrentamos, problemas que foram socialmente construídos ao longo do tempo, mostrando que existem saídas para essa marginalização que o povo pobre é rotulado de maneira generalizante, buscamos saídas através da arte, da educação, da união na busca de igualdade de classe, de raça, de gênero. Enfim, todas as causas minoritárias, pois o movimento tem esse papel de transformação social.

Um dos exemplos dados na tentativa para a transformação social, foi sem dúvida o caso da criação de uma revista em quadrinhos¹⁸ pelo grafiteiro e rapper, Eduardo Pereira, (o Ted Rap), com o apoio do movimento trazendo o seguinte título: N 01, A TURMA DO BINHO:

¹⁷ CORTES, Rosyane. Entrevista concedida a José Henrique da Silva, Picos, 2019.

¹⁸ Esse trabalho foi realizado em duas edições, sendo produzidos 3.000, exemplares e distribuídos nas escolas da cidade de Picos.

todos contra o racismo! Que nos Serve para fundamentar a questão das idealizações desses sujeitos, primeiro já na leitura previa do título já nos remetem muita coisa, o uso da palavra, “todos contra”, enfatiza logo o sentido do grito típico do hip hop, pois remete a ideia de união, de coletividade, depois a temática apresentada na revista coloca de forma nítida a questão da desigualdade social, e dos preconceitos por causa da cor da pele. Ainda segundo Ted Rap, vice-presidente do movimento hip hop de Picos- M2HP, músico, desenhista. Negro, ele considera que é importante levar as escolas, a mensagem de igualdade entre as pessoas e os povos para combater qualquer tipo de discriminação:

Há alguns anos perdi um sobrinho (Binho) de dez anos, vítima de problemas renais, e agora presto homenagem a ele através do Gibi” Turma do Binho”. A revistinha fala sobre a importância do povo negro na formação sócio – econômica e cultural do país, de uma forma bem simples para que a garotada possa entender com facilidade e assimile a ideia.

Além disso, a produção chama o leitor a constituir uma atitude de sensibilidade aos que de maneira direta ou indireta é atingida pelas causas e consequências das desigualdades existente no país, por retratar a história de um jovem negro que ao estar na escola em contato com pessoas de culturas e valores sociais variadas, sofre preconceito em muitos momentos sendo chamado de “ nequinho”, de “crioulo”, de “fracassado”, e “perdedor”, enfim fica nítido que esses termos foram empregados de forma pejorativa por um colega de escola do personagem negro retratado no quadrinho, sendo alvo de piadas desse nível. Portanto, na parte final da revista na apresentação de um trabalho sobre o povo negro em aula, o personagem bola a ideia de fazer um rap utilizando a temática do racismo apresentando suas pautas rimadas. Descrevendo a questão da seguinte forma:

Todo mundo diz que não é racista, mas acaba fazendo piadas com negro! Você não me ofende quando me chama de negro, as piadas que são de mal gosto! Racismos não é bom, muito menos muito menos divertido, não brinque com a cor do vizinho e amigo... Ser negro não é defeito, muito menos desrespeito! Lembre-se- se racismos não é legal e faz mal ao desenvolvimento de um bom cidadão e de uma sociedade justa.¹⁹ (LOPES, 2009, p. 20)

¹⁹ LOPES, Eduardo, PEREIRA. A turma do Binho: Todos contra o racismo, n 01. Picos – PI.2009, P.3-22



IMAGEM 3, LOPES, Eduardo, Pereira 2010.²⁰

No entanto, como o nosso foco estar na cidade de Picos, mas o movimento também se insere em uma rede de relações de busca de fortalecimento dos movimentos hip hop, que se estendem dentro do estado do Piauí através de parceria do órgão nação hip hop no estado do Piauí, criada no ano de 2016, pela nação hip hop Brasil, fundada no ano de 2005, com o mesmo intuito, só que por sua vez com maior amplitude por ser um órgão de nível nacional, por isso descrevemos a importância dessas relações com outros grupos e espaços, como no caso da participação em evento da cultura hip hop, como por exemplo, o encontro estadual de hip hop realizado em Teresina, no dia 28 de Abril, de 2018. E esses eventos reúnem vários hoppers, de várias cidades do Piauí, em busca de experiências que podem enriquecer ainda mais, o seu conhecimento sobre o movimento, esses sujeitos aproveitam esse tipo de evento para trocarem experiências através da música, movimento performativo, desenhos e batidas.

²⁰ Imagem de arquivo pessoal, Eduardo Lopes Pereira, 2010.



IMAGEM 4, Retirada no encontro Estadual de Hip HiP que aconteceu em Teresina Piauí, 2018.²¹

Para entendermos a respeito das relações sociais existente na cidade de Picos, usaremos informações produzidas de acordo com a historiadora Mariana Floracyr de Moura, no seu trabalho de conclusão de curso de licenciatura em História.²² Problematizando o processo de lento desenvolvimento da infraestrutura dentro das comunidades, ou seja, pouco investimento do poder público por ser um lugar de moradores pobres, e a vigente ação política de associação entre pobreza e violência no País. Política tal, que foi pautada por uma ideia do Ministro Ferreira Viana, 1888.

Colocado em um sentido de tentar imputar uma estratégia de controle social para alcançar os jovens negros mesmo em “liberdade”, com isso a autora desnaturaliza este estereotipo demonstrando a construção dos estigmas atribuídos, a pobreza e a violência no imaginário e no cotidiano do viverem urbanos, os reflexos da desigualdade social, e a produção de identidades. Como no caso dos Hopers, fio condutor dessa análise. Aproprio-me das informações por fazer parte do mesmo contexto espacial e temporal, para estabelecer um diálogo sobre as questões em que a sociedade de Picos, se deparava em seu dia a dia, daí podemos distinguir o compromisso social na transformação social em que o movimento hoppers encontra-se em constante atuação no meio urbano.

²¹ Imagem retirada da internet no endereço, <https://pt-br.facebook.com/m2ppi/>

²² Moura, Mariana, Floracyr De. Marginalidade construída: A formação e estigmatização do bairro Parque de Exposição de Picos de 1980 a 2010. Picos. Universidade federal do Piauí, 2016.

Entretanto, tratando- se dos espaços urbanos e das relações sociais existentes neles constatou- se os diferentes usos desses espaços utilizando- se da reflexão proposta pelo geógrafo Roberto Lobato Correa,²³ no sentido que concepção de espaço como conjunto de símbolos e campo de lutas, “, envolvem o cotidiano e futuro, crenças, valores, mitos”, pois diante disso podemos correlacionar com a atuação hip hop em Picos, como veremos nos três momentos adiantes registrado por meio de recurso fotográfico, materializando memórias de momentos importantes de sociabilidades tanto no sentido educacional, como social.



IMAGEM 5.

Imagem de arquivo pessoal, Eduardo Lopes Pereira.²⁴

Evento realizado em comemoração a 10 edição do movimento hip hop de Picos, o evento que teve como tema “Educação Hip Hop e Militância”. Onde foi realizado no auditório da Universidade Federal do Piauí, sendo realizado várias palestras educativas. A tarde foi um intercambio no Projeto Cuca Periférica. O encerramento do evento aconteceu à noite na Praça Dirceu Arcoverde, popularmente conhecida como Praça do PCC, com show e batalha de dança. De acordo com o ativista social e cultural, Eduardo Pereira, o Ted Rep, a expectativa para o evento são as melhores possíveis:

“Essa é a primeira vez que o encontro tem uma dimensão tão grande. O evento é destinado a pessoas ligadas a cultura ou não, assim como estudantes e professores. Os participantes receberão um certificado de 20 horas expedido

²³ CORREA, Roberto, Lobato. Espaço Urbano. São Paulo: Ática s.a, 1989. P. 07- 35.

²⁴ Imagem de arquivo pessoal, LOPES, Eduardo, Pereira, 2017.

pelo DCE da UFPI. Para participar é necessário um investimento de cinco reais”, disse.²⁵



IMAGEM 6. do arquivo pessoal de, LOPES, Eduardo Pereira. Praça do Pcc, Bairro Junco, 2017.



IMAGEM 7, do arquivo pessoal de, LOPES, Eduardo, Pereira. Praça do PCC, Bairro junco, 2017.

²⁵ LOPES, Eduardo, Pereira. Entrevista concedida a José Henrique da Silva. Picos, 2019.

Temos como prova da importância do movimento hip hop na vida das pessoas que moram nas comunidades da cidade Picos, no mês de março de 2012, foi aprovado pela câmara municipal dos vereadores um projeto de lei que reconhece de utilidade Pública municipal a Associação do Movimento Hip Hop de Picos (M2HP).

ESTADO DO PIAUÍ
Câmara Municipal de Picos
 Rua São Sebastião, 32
 64.600-000 – Centro – Picos – PI.
 Fone: 3421-0093 – Fax – 3422-6238
 Protocolo Nº 02/2012

LEI Nº. 2440/12, DE 16 DE março DE 2012.

Ordem do dia da sessão de hoje
 Sala das Sessões da Câmara
 Municipal de Picos
 16/03/12
 Coelho
 Presidente

“RECONHECE DE UTILIDADE PÚBLICA MUNICIPAL O QUE ESPECIFICA E DA OUTRAS PROVIDÊNCIAS”.

O PREFEITO MUNICIPAL DE PICOS – ESTADO DO PIAUÍ, faz saber a todos os habitantes deste Município que, a Câmara Municipal de Picos, aprova e o Exmº. Srº. Prefeito Municipal sanciona a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica reconhecida de Utilidade Pública Municipal a **ASSOCIAÇÃO MOVIMENTO HIP HOP DE PICOS (M2HP)**, entidade civil, sem fins lucrativos, com sede e foro na cidade de Picos – Estado do Piauí.

Art. 2º - A Entidade de que trata o artigo anterior ficam assegurados os direitos e vantagens da legislação vigente.

Art. 3º - A Presente Lei entra em vigor na data de sua publicação revogando-se as disposições em contrário.

SALA DAS SESSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE PICOS – ESTADO DO PIAUÍ, EM 14 de fevereiro de 2012.

Ver. José Rinaldo Cabral Pereira Filho (Rinaldinho)

Aprovado em Primeira
 Discussão por Unanimidade
 Sala das Sessões, em 13/02/12
 M. L. C. S.
 Secretário

Aprovado em Segunda
 Discussão por Unanimidade
 Sala das Sessões, em 01/03/12
 M. L. C. S.
 Secretário

IMAGEM 8, do arquivo da câmara municipal de Picos, 2012.²⁶

²⁶ Imagem documento retirada por José Henrique da Silva, do arquivo da Câmara Municipal de Picos, 2019.

O projeto de Lei de número 2440. Criado pelo então vereador do PSB, Rinaldinho, onde justificou a solicitação destacando a importância de o poder público incentivar os movimentos sociais e associações que trazem benefícios à sociedade.

Ainda Segundo ele, o Movimento Hip Hope desenvolve um importante papel junto aos jovens picoenses, incluindo esse segmento da sociedade em atividades socioculturais e assim, afastando os jovens das drogas.

. O parlamentar ressaltou ainda que o município deixou de ganhar um Tele Centro através do Movimento Hip Hop de Picos uma vez que o mesmo não possuía o documento comprovando a sua utilidade pública. Ele comemora a conquista, ressaltando que:

“Quem ganha com isso não é apenas o movimento Hip Hop, quem ganha são os jovens e conseqüentemente toda a sociedade picoense”, afirmou Rinaldinho.²⁷

O vereador resalta ainda, a importância dessas solicitações de reconhecimento público afirmando que é uma forma de incentivar os movimentos culturais em Picos. Segundo o parlamentar, essa também é uma forma de fazer com que essas instituições disputem recursos junto ao governo federal.

²⁷ Entrevista concedida a radio: Riacho net.com.br. Picos, 2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, podemos afirmar que as práticas culturais juvenis são espaços de construção de saberes e socialização dentro de uma cidade. São manifestações que contribuem para o enfrentamento da violência no contexto das comunidades onde vive seus integrantes para a construção de identidades juvenis positivas, tanto individuais quanto coletivas. Os jovens das comunidades da cidade de Picos veem essas práticas como alternativas de lazer, um espaço de reivindicações contra situações de exclusão/ injustiça social, e de construção de amizade, e cumplicidade em seus projetos.

É através das expressões artístico- culturais produzidas e consumidas pelos jovens, que estes adquirem autonomia e se tornam protagonistas de suas próprias histórias. Assim, as juventudes pobres e marginalizadas traçam práticas de resistências, para denunciar e protestar as situações de exclusão e injustiça social, a que são submetidos. Por meio da arte, os jovens ganham espaços, visibilidade, e tercem experiências que somadas ao contexto e as especificidades de cada um, constroem suas identidades. Compreender e reconhecer estas atuações como é o caso do Hip Hop de Picos- PI, é entender como construtoras de saberes, é deixa- se contaminarem por outra cultura, outra ideologia, e novos costumes. Valorizar a diversidade cultural significa saber conviver com as diferenças, significa entendemos que não existe raça, crença, costumes, ideologias inferiores ou superiores umas às outras. Porem significa construimos um mundo mais igualitário e justo, onde cada contexto possui sua importância e papel dentro da história.

Entretanto, podemos concluir que o hip hop se apresenta com um instrumento de lutar, mesmo isso não significando que vá sanar todos os problemas sociais existentes. Ainda assim, se tornou um forte instrumento de fala e de transformação diante dos limites exposto, assim como a educação e outros meios, deferindo por serem ações das pessoas em seu cotidiano. Sem caráter institucional ou de organização por parte do poder público. Portanto, também se apresenta como um modo de viver, ou seja, algo que dá um norte a vida das pessoas que se inserem nessa cultura ou se identifica e são afetados por essas expressões culturais.

Dessa maneira, colocamos todos os problemas sociais levantados ao longo deste trabalho sobre responsabilidade do hip hop, pois sabemos que isso é dever das políticas públicas, mas que ainda assim é bastante relevante levarmos em consideração a força de alcance

que essa cultura tem com as suas reivindicações, provocando a possibilidade de ajudar e construir uma conscientização na concepção das pessoas. Isso, nos serve para perceber as influencias, e as responsabilidades na construção da sociedade em que vivemos, ou seja constar sua força na conscientização no exercer da cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, César. *Pergunte a quem conhece: Thaíde*. São Paulo: Labortexto Editorial, 2004.
- BECKER, Howards. S. *Outsiders: Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CERTEUA, Michel de. *Caminhadas pela Cidade*. In: *A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CAMILO, Adriana. A.; OLIVEIRA, Maria C.; ASSUNÇÃO, Cristina. Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças - Temas em Psicologia da SBP, v.11, n.1, p.6175, 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2003000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 nov. 2018.
- CORREA, Roberto, Lobato. *Espaço urbano*. São Paulo: Atica s.a, 1989. P.3-35
- DAMASCENO, Francisco J. G. *Memória de jovens – hip hoppers e punks em fortaleza ou um caminho construído ou registrado no cotidiano*, 2001.
- FRAGA, Paulo Cesar Pontes; UMBELINO, Tâmara; FRANÇA, M. F.; MOREIRA, Eduardo José. Caiu na rede: o hip- hop como experiência social e forma de resistência. In: FRAGA, Paulo Cesar Pontes; IUNIANELLI, Jorge Atílio Silva. (Orgs.). *O Tempo real dos jovens: juventude como experiência acumulada*. Rio de Janeiro. *Letra Capital*: v. 1, p_ 245-261, 2013.
- FRAGA, Paulo Cesar Pontes; UMBELINO, Tâmara; MARTINS, Rogéria da Silva; FRANÇA, M. F. . Práticas comunicativas em el Ciberespacio: EL Hip- Hop em las redes como experiência social y forma de resistência. *Diálogos de la comunicación*: v. 91, p. 1-22, 2015.
- FRASER, Nancy. *Da redistribuição ao conhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista*. *Democracia hoje: novos desafios para teoria democrática contemporânea*, Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 245- 282 2001.
- FOCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural do college de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2012.
- JANOTTI JR.; Janotti Junior. *Aumenta que isso aí rock and roll: mídia, gênero musical e identidade*. Editora E-papers, 2003.

HOBBSAWN, Eric. *Globalização, Democracia e Terrorismo*. Tradução: José Viegas. 5.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Edusc: Bauru, 2001.

MACEDO, Iolanda. *Linguagem Musical Rap: Expressão Local de um fenômeno mundial*. Tempos Históricos (EDUNIOESTE), v. 15, p. 240-260, 2011.

MAFFESSOLI, Michel. *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006.

MENDES, Romário. *Segunda Edição do Projeto Arte em Toda Parte*. 2017 Disponível em:<<http://www2.picos.pi.gov.br>>. Acesso em: 19, Nov, 2018.

MOURA, Mariana, Floracir De. Marginalidade construída: A formação e estigmatização do bairro parque de exposição na cidade de picos de 1980 a 2010. PICOS: Universidade Federal do Piauí, 2016.

SANTOS, Joice, Iris, Batista. JESUS, Laura, Raimunda. “*Movimento Hip Hop Frente á Valorização da Cultura de Jovens no Município de Picos, PI*”. Revista do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas- UFPI de Teresina, Jun, 2018

SEVCENKO, N. (2001). “*A república dos mandarins*”. *Caderno Mais/Folha de S. Paulo*, 24 jun.

NOVAES, R. Hip Hop: o que há de novo? In BUARQUE, C. et al. *Perspectivas de Gênero: Debates e questões para Ongs*. Recife: GT Gênero – Plataforma de contrapartes da Novib/SOS CORPO Gênero e Cidadania, 2002. p. 110-137.

OLIVEIRA, Isabel de Assis Ribeiro de. The contemporary malaise in the perspective of Charles Taylor. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*: v. 21, n. 60, p. 135-145, 2006.

OLIVEIRA, Maria C. S. L; CAMILO, Adriana A.; ASSUNCAO, Cristina V. Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto , v. 11, n. 1, jun.2003Disponível em<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2003000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 nov. 2018.

PAIVA, Raquel. Política de minorias: comunidade e cidadania. *Estudos em comunicação/comunication Studies*:Covilhã, v. 1, p. 1-7, 2003. Disponível em: <http://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/03/paiva-raquel-politica-deminorias.pdf>. acesso em 5 nov.2018.

PEREIRA, Eduardo. A turma do binho: todos contra o racismo, n01. Picos-PI, 2009, P. 3-22.

PENSAVENTO, Sandra jatahy.Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginarias. **Rev. Bras. His.** São Paulo, v. 27, n. 53. Junho. 2007.

RAMOS, Silvia. Jovens de favelas na produção cultural brasileira dos anos 90. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. NAVES. Santuza cambraia. *Por que não?* Rupturas e continuidades da cultura: Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. p. 239-256.

RANGEL, Ana Paula; TORMAN, Ronalisa; FOCESI, Luciane. Adolescência: Construindo uma identidade. *Revista Conhecimento Online*: ano 4, v.1, 2012. Disponível em:<<http://www.feevale.br/site/hotsite/default.asp?intIdHotSite=86&intIdSecao=5480&intIdConteudo=50284>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

RIBEIRO, Cristian Carlos Rodrigues. *O Movimento Hip-Hop como gerador de urbanidade: um estudo de caso sobre gestão urbana em Campinas*: Puc-Pontificie Universidade Católica. Campinas (2006).

ROLNIK, Raquel. O que é cidade. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção, Primeiros Passos; 203).

SANTOS, M. *Por uma outra globalização:(do pensamento único a consciência universal)*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Rosana Aparecida Martins. *Escola de comunicação e Artes/ECA*: Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2006.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros:identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: vozes, 1999. _____. Por um conceito de minoria: In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). *Comunicação e cultura das minorias*.São Paulo: Paulus, 2005.

TAYLOR, C. A política de reconhecimento. In: C. _____. (Org.), *Multiculturalismo: examinando a política de reconhecimento*. Lisboa:Instituto Piaget, 1998.

_____. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. São Paulo, Edições Loyola, 1997.

_____. *Imaginarios sociales modernos*. Barcelona: Paidós, 2006.

_____. *Multiculturalism*. Princeton: University Press, 1994.

ENTREVISTAS

PEREIRA, Eduardo, Lopes. Entrevista concedida a José Henrique da Silva. Picos, 2019.

MATOS, Nonato. Entrevista concedida a José Henrique da Silva. Picos, 2019.

FOTOS

IMAGEM, arquivo registrado por Eduardo Pereira Lopes.

IMAGEM, arquivo pessoal, Sandro Moraes; B-Boy picoense, começou com o hip hop, há cerca de dez anos atrás, segundo o próprio afirmou. Picos, 2019.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 Monografia
 () Artigo

Eu, Pro Henrique da Silva,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02
 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente,
 sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
"Estrevendo a rima: Uma História sobre o Pip Pop em Picos"
 (1990-2017)
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de
 divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 06 de agosto de 2019.

Pro Henrique da Silva

Assinatura

Pro Henrique da Silva

Assinatura